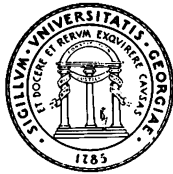


**THE LIBRARIES**



**THE  
UNIVERSITY OF GEORGIA**





Candido de Figueiredo

---

LISBOA

NO

ANNO TRÊS MIL

(Revelações hipnóticas)



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1911

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

(1911)

225 *Uncompote*

LISBOA  
NO ANNO TRÊS MIL

OFFICE OF THE  
DIRECTOR OF THE  
BUREAU OF THE  
CENSUS



/ LISBOA  
*Estadística*  
NO ANNO TRÊS MIL /

*Revelações arqueológicas,  
obtidas pela hipnose e publicadas*

POR

CANDIDO DE FIGUEIREDO

(Edição provisória)



LISBOA  
LIVRARIA FERREIRA, RUA AUREA, 134  
1892

---

**IMPRESA MINERVA—12, Travessa da Espera, 14**

*Ao notável historiador, poeta, romancista,  
dramaturgo,  
jurisconsulto e heroico militar,*

O SENHÔR GENERAL

**D. VICENTE RIVA PALÁCIO**

*ministro plenipotenciário  
dos Estados Unidos Mexicanos  
em Portugal e Hispanha*

Em demonstração de homenagem, reconhecimento  
e respeitoso affecto

of.

*Candido de Figueiredo*



# PREFÁCIO

---

**Hipnotismo.—Ruínas da Europa.—O omnipotente russo Ivan LIV.—A civilização na Austrália.—A «Biblioteca Universal» de Sidnei.—A prodigiosa obra de um sábio futuro.—Da Austrália ao Tejo.**

Quando o doutor Das annunciou ao público lisbonense várias scenas de hipnotização, tive desde logo um vivo sentimento de curiosidade. A vida *sugestiva* pôde realmente exhibir os mais extraordinários cambiantes, os mais fantásticos panoramas, os lances mais bellos e os mais terríveis.

Aproximando-me do hipnotizadôr, senti ao mesmo tempo o mêdo e a atracção do abismo, a ância do incognoscível, a sêde de revelações sobrenaturais, e manifestei-lhe receosamente o desejo de uma experiência.

14-9939

O doutôr annuú, mas eu pedi a palavra para uma questão prévia, como se diz em San-Bento, e parolei-lhe assim:

—Senhôr conde. Nasci montanhês, criei-me entre as serranias da Beira, bebi nas mesmas fontes onde se dessedentaram os heróis que vingaram a afronta de Galba e fizeram rôsto ao cônsul Serviliano. . . . (E a êste propósito ingeri-lhe no tímpano tôda a história de Viriato). O grande caso, senhôr conde, é que o sentimento da independencia e da liberdade radicou-se em mim a tal ponto, que me horrorizam instintivamente as caprichosas e arbitrarias sugestões de v. ex.<sup>a</sup>—Não consentirei jámais que a minha consciência seja estranha aos meus actos; e, antes de hipnotizar-me, pretendo que v. ex.<sup>a</sup> se obrigue a não me sugerir palavras ou actos que não tenham a minha aprovação prévia.—

Concordou o doutôr com as minhas reflexões, e pediu-me que indicasse a sugestão.

Nêste ponto, desdobraram-se diante de mim os planos mais deslumbrantes. Que diria eu? que deveria eu fazer durante o sono hipnótico?

Ocorreu-me uma grande e legitima am-

bição: vivêr no futuro; guindar-me ao vértice das civilizações vindouras, e estirar a vista por tódo o passado, abrangendo num lance de ólhos tódas as sociedade extintas e tódo o quadro ingente dos progressos humanos. Devia sêr um momento assombroso.

Mas êste plano, segundo o que me observou o doutôr, era de execução difficilima. Para lêr toda a história do futuro, seria mister um sono hipnótico de muitos mêses ou de muitos annos, e á difficuldade acresceria o perigo.

Tive que modificar a minha ambição:

—Visto que em poucas horas não é possível fazêr a revista dos séculos, como se faz a revista do anno para os teatros de terceira ordem, desejo, senhôr conde, que por duas ou três horas a sugestão me transporte ao anno Três Mil, e que me coloque no ponto mais civilizado do mundo de então, podendo eu sabêr se ainda haverá memória do meu país e o que dêlle se pensa.

—Far-se-há o que deseja,—rematou o hipnotizador. —

E, sem pronunciar uma palavra mais, sentou-se defronte de mim, tocando nos meus joelhos com os dêlle. Abriu as mãos

e espalmou-m'as nas regiões temporais, obrigando-me a fixar os ólhos no seu olhar, vivo, penetrante e ao mesmo tempo immóvel.

Senti percorrêr-me o corpo uma languidêz estranha, e adormeci profundamente.

Pelo que eu soube depois, o hipnotizadôr ordenou-me que fôsse sentar-me junto de uma mêsa e que, tomando uma penna, descrevêsse tudo o que visse.

\*

Conservo, e conservarei, quanto escrevi durante o sono hipnótico; e é á vista dêsse escrito que posso contar hõje a assombrosa excursão que fiz, durante algumas horas, pelo mundo do futuro.

Num dado momento, esvaeceram-se-me todas as memorias do presente, perdi a consciência da minha primitiva personalidade, e achei-me dentro de um grande vehículo aéreo,—um balão do anno Três Mil<sup>1</sup>, —em companhia de muitos milhares de

---

1 Vêm a pêllo algumas palavras sôbre a estructura e configuração daquella embarcação aérea, que nada se assimilha aos nossos balões de hõje, e ainda menos aos modêllos do nosso padre Bartolomeu de Gusmão, ou dos irmãos Montgolfier, de Lennox, de Genet, do barão Scott, ou de Dupuy de Lome.



passageiros, que falavam tódos a mesma lingua, o volapuque, e descemos na Austrália, um pouco acima do lago Torrens.

A Austrália era então a nação mais civilizada do mundo.

Extraordinários cataclismos geológicos e grandes convulsões sociais haviam transformado enormemente os vélhos continentes. Grandes arquipélagos, muito celebrados nas histórias antigas, haviam desaparecido, submergidos pelo oceano. Em compensação, uma infinidade de ilhas madreporicas, desconhecidas hõje, disseminavam-se alegremente pelo Pacífico, opulentas de vida e de vegetação.

A Europa e a Asia, como duas cortezans decadentes, atestavam a inanidade das grandêzas humanas; e tudo o que escapára aos

---

A configuração daquêlle vehículo era a de um dragão enorme, com as respectivas asas e garras.

As garras eram como que âncoras fixas, que sustinham a embarcação aérea, quando chegavam ao solo. As asas, no comprimento de 20 metros, eram construídas de ébano e aço, e moviam-se mais ou menos rapidamente, segundo a indicação de em *commutadôr* eléctrico, muito differente do *commutadôr* de Tissandier. A *cabeça do dragão* constituía o leme do enorme navio aéreo, que comportava 100 passageiros. O leme e as asas eram conjuntamente reguladas pelo commutadôr, que estava em contacto com uma potente máquina dinamo-eléctrica.

cataclismos naturais e sociais constituía um feudo enorme, que reconhecia por seu único chefe Sua Omnipotência Russa. Esta omnipotência intitulava-se Ivan LIV, e residia guardado por ursos brancos, nas ruínas do Krenlim.

O movimento, a vida, o progresso, concentrava-se tódo na Austrália, tendo esta por dependencias a África ao poente, e a léste as duas Américas.

Desde a Carpentária á Tasmânia, e desde o cabo Biron ao cabo Cuvier, numa extensão de mais de sete milhões de quilómetros quadrados, era tudo uma cidade enorme, repleta de gente laboriosa, sadia e alegre. Os antigos desertos Victoria e Gibson estavam agora cobertos de fábricas, aquários, jardins, bibliotécas e palácios. As

O aço polido das asas, marchetando e reforçando o ebano, tinha scintillações fantásticas nas solidões do espaço. Do costado azul e vêrde do *Dragão*, que era o nôme e a configuração do vehículo, pendiam, doiradas, as garras.

Interiormente, o *Dragão* offerecia o luxo e as commodidades do mais sumptuoso e perfeito palácio; e á frente, isto é, um pouco atrás do leme, erguia-se um elegante torreão, que era observatório astronómico, guardado de maravilhosos instrumentos scientificos, entre os quais avultavam telescópios, cujo alcance excedia todas as previsões de Flammarion.

Um incanto, aquêlle *Dragão* de cédro, aço e ébano t

aguas do Brisbane e do Murrei, desviadas por grandes canais, iam abastecêr aquêlles bairros. Mas os bairros mais opulentos e magnificentes eram Sidnei, Melbourne, Adelaide e Perth.

Grandes aleias de acácias, cedros, palmeiras, laranjeiras e eucaliptos, sombreavam as praças mais amplas daquelles bairros.

A agricultura decaíra, porque a alimentação humana estava reduzida a um simples elixír, de que bastava tomar uma gôta diariamente, e cuja invenção era atribuída pelos antiquários a Tâner e a Succi, que vivêram, um na Europa, e outro na América, pouco antes do século XX.

A miséria por conseguinte quási que não existia.

Não havia caminhos de ferro nem navegação a vâpôr: as viagens e os transportes faziam-se por meio de rápidos vehículos aéreos, que numa hora cruzavam tôdo o Pacífico, desde Sidnei até á Califórnia. O *Dragão*, em que eu descêra na Austrália, fôra immediatamente fretado por dois noivos, que iam passar a lua de mel, pairando alguns mêses sôbre as Filipinas e os estreitos da Malásia.

A governação pública era de uma simplicidade extraordinária. Conheciam-se dois poderes do estado,—o legislativo e o executivo, que residiam essencialmente numa corporação única, uma espécie de senado eleito, de funções vitalícias, excepto no caso raríssimo de nepotismo ou concussão.

Os delegados do senado eram, sob a responsabilidade dêste, os executôres especiais da lei, dentro de tôdo o falanstério, e das suas dependências. Esquecia-me dizêr que esta originalíssima nacionalidade se denominava falanstério, em homenagem a um filósofo humanitário, Fourier, que vivêra no século XIX, segundo affirmavam os cronicos australianos.

Os delegados do senado, mal comparados, eram como os nossos governadôres civis. Tinham a seu cargo a execução das leis na sua respectiva área, correspondiam-se com o senado pelo teléfono, e eram os unicos candidatos á dignidade senatorial.

O que mais vivamente me atraíu a vista e a atenção foi um immenso farol eléctrico, tão alto, e tão monstruosamente grande, que do centro da Austrália illuminava tôdas as costas do continente! Falta só dizêr que

esse tarol era apenas o zimbório do mais majestoso e extraordinário edifício de tôda a Austrália,—a *Bibliotéca Universal*.

\*

Exteriormente, a *Bibliotéca* era um immenso palácio de coral, de fórmula quadrangular, com dois quilómetros de diâmetro, e cem portas, rasgadas em tôda a altura do edifício e constantemente abertas. Os intervallos das portas compreendiam interiormente a bibliotéca propriamente dita. Mas livros propriamente ditos, não os havia: eram enormes rôlos de papel, dispostos e empilhados, como nos nossos estabelecimentos de papel para forrar casas.

Cada um dêstes rôlos tinha um número de ordem, correspondente ao número que, câda obra tinha no catálogo. *Catálogo* é uma maneira de dizêr. Lá não havia catálogos como os nossos: em câda repartimento, isto é, em câda intervallo das portas, estendia-se, em tôda a altura, um grande listão de metal branco, exhibindo, em grandes lêtras doiradas, os números e os títulos das obras contidas no respectivo repartimento.

Não obstante a aparente juxtaposição dos rôlos, qualquer dëlles podia sair dos seus logares, sem se alterar a posição dos demais. O visitante, ou o estudioso, consultava o listão-catálogo, e, tocando no botão de um aparelho eléctrico, fazia descêr a obra que procurava: o rôlo poisava numa grande mêsa, onde se desenrolava, depressa ou devagar, segundo a pressão que o leitor exercêsse no botão do aparelho. O aparelho estava em comunicação com uma lâmina metálica, á volta da qual se enrolava a obra, e com outra lâmina que correspondia á margem oposta.

Como é natural, entre as duas margens mediava maiór ou menór extensão, segundo as dimensões da obra. Havia obra que daria um quilómetro: mas, ao lêr-se, a lâmina exterior ia dobrando sôbre si a parte lida; e, quando se chegava ao fim da primeira página, a lâmina interior, que então se descobria, realizava a operação da outra lâmina, para que se lêsse a segunda e última página.

Nem escadas, nem contínuos, nem cadeiras. Lia-se escrevia-se de pé, a tôda a

altura do peito, porque a sciência e a hygiene assim o prescreviam.

Em vêz do contínuo, e junto de câda repartimento, permanecia um sábio, que tinha o encargo de explicar, durante duas horas em câda dia, as doutrinas scientificas, artisticas ou literárias, contidas nas obras que lhe estavam ao lado.

Os sábios da bibliotéca constituíam o corpo universitário; e, pelas naves do edificio agrupavam-se os mais ingenhosos maquinismos, maravilhas práticas da indústria, das sciências e das artes, poderosos auxiliares do ensino universitário. Este ensino, embora graduado, comprehendia tôdos os ramos de conhecimentos humanos, desde a instrução elementar até á mecânica celeste.

Tôdas as obras da bibliotéca, originais umàs e traduzidas outras, estavam escritas no idioma universal, o volapuque, que tôdos podiam lêr e intendêr. Procurei o listão-católogo, que tinha por título geral *Viagens*, e tive tentações de lêr o n.º 98:765, porque eram as *Digressões no extremo occidente, pelo sábio Terramarique*.

Toquei no botão eléctrico, e, momentos

depois, devorava com avidêz uma obra curiosissima, em fórma de cartas. Era nada menos que a descrição geográfica, histórica, sociológica e etnográfica das extremas regiões occidentais, de que se conservava uma vaga reminiscência, como das lendas que ouvimos na meninice.

Terramarique saíra do Queensland, no seu balão de recreio, com uma numerosa comitiva de operários e estudantes, ao quinto dia da vigesima lua do anno 2995, e demorara-se algum tempo na Anatólia e na Sibéria, realizando excavações e investigações interessantíssimas. Aproximara-se do Báltico, para obtêr de Sua Onnipotência Russa a permissão de visitar as ruínas occidentais, desde o Reno até Gibraltár e acháva-se á beira do Tejo, no primeiro equinócio do anno 3000.

Sobretudo as cartas que êlle data das ruínas portugalenses excitaram em mim o maior interesse e a mais natural surprêsa. E, como escrevi quanto pude vêr e lêr até que o doutôr Das me despertou cruelmente para os tristes esplêndores da actualidade, não posso equivar-me a tornar públicas algumas dessas cartas.



Não obstante a seriedade e a imparcialidade do sábio australiano, há por vêzes nas suas palavras uma franquêza tão rude a nosso respeito, que, pelo menos por agora, não reproduzirei o que mais possa ferir as susceptibilidades nacionais. Se eu fizer a edição definitiva das cartas, resolverei se devo ou não mantêr a prudente reserva de agóra.

E, dito isto, vou cedêr a palavra a Ter-ramarique.

*Candido de Figueiredo.*



LISBOA

NO ANNO TRÉS MIL

---

*Digressões no extremo occidente :*  
*Cartas de Ferramarique ao sábio Policósmo*  
*da universidade central da Austrália*



## CARTA I ,

Os ermos occidentais.—Um pescadôr de pérolas nas Berlengas. Um cenobita nos Açôres.—Recordações de Portugal: Camões, a decadência, a morte.

*Querido mestre e amigo.*—Escrevo-te das ruínas de um castello, a 38°, 42' de latitude boreal, e a 160°, 24' de longitude occidental do meridiano de Sidnei.

Aqui foi Lisboa.

Quando me despedi de Sua Omnipotência Russa, nortei a minha bússola, e dirigi-me ao ponto donde te escrevo, convencido de que, na bacia do Tejo, encontraria alguns indígenas, que me auxiliassem nas investigações que me preoccupam. Não

---

1 Esta carta occupa no texto o número XIX; mas, publicando só algumas das que se referem a Lisboa, subordino ao meu propósito a numeração das cartas.

(Nota do editôr).

obstante a profusão de mapas geográficos e topográficos, parecia-me indispensável um guia, que melhor conhecesse o território e as tradições do país. Não encontrando ninguém, equipei o balão, e fui pairando sobre a costa até acima do paralelo 39, deparando-se-me então, nas ilhas Berlengas, um pescador de pérolas, não indígena, mas australiano, que percorre todos os meses o litoral da Europa, da África e da Austrália, e que me deu esclarecimentos úteis.

Segundo as suas indicações, a população portuguesa não se extinguiu totalmente, e, pelo menos nos Açores, havia ainda alguns representantes da velha nacionalidade occidental.

Vinte minutos depois, tinha eu descido no valle das Furnas, na ilha de San-Miguel, onde o amanho dos terrenos e o alvejar de algumas habitações dispersas me revelaram, a distância, o que quer que fôsse de vida actual.

Effectivamente, no mais esconso do valle, um respeitável cenobita assomou á porta do seu casebre, para me receber e á minha comitiva, porque alguém lhe havia annun-

ciado a aproximação do nosso veículo aéreo.

Tive grande dificuldade em o comprehendêr, e em me fazêr comprehendido; porque, embora o nosso vocabulário volapuke tenha as respectivas equivalências para tôdas as línguas mortas, a linguagem do cenobita não era portugêsa, nem francêsa, nem inglêsa, nem italiana, mas um mixto caótico de tôdas estas.

Felizmente, o cenobita, que dava pelo nôme de Reliquiano, conhecia largamente as tradições de Portugal, e possuía uma vasta collecção de histórias e memórias. Por mais difícil que fôsse a interpretação das suas palavras e dos seus livros, vi nêlle um *cicerone* imprescindível, e com êlle e com os seus livros voltei ao esteiro do Tejo, sobranceira ao qual, ergui a tenda, donde te escrevo.

\*  
\*

Antes de procedêr ás explorações e investigações que mais me interessam, quero traçar-te, em duas palavras, a história do pequeno país, de que foi capital a cidade, cujas ruínas me cercam.

Portugal, um país microscópico, de origem neo-visigótica, pôde mantêr a sua autonomia por déz séculos. Meiado porém o século XXI, já quási nada existia daquella nacionalidade, que têve na história alguns momentos de robustêz e prestígio. Dizem que foi um português quem mostrou aos povos occidentais o caminho marítimo das Indias. A Ásia e a África estremeceram perante os navegadôres portuguezes; as nossas bibliotécas ainda hõje consignam o nôme de um portuguez de gênio, Camões; e nas tradições do occidente ainda não morreu o nôme de um estadista, a quem tôdo este país, especialmente Lisboa, deveu assinalados serviços. Mas para que formes idéa de como entre portuguezes se galardoavam os melhóres serviços, bastará dizêr-te que, em meio dos monumentos com que Pombal restaurou Lisboa, os seus contemporâneos ergueram á sua memória um cavallo de bronze, que ainda dura, montado por um cavalleiro anónimo.

Muito excêntricos, êstes neo-visigodos!

Excêntricos, e de pouco juizo. As riquezas africanas e asiáticas, que poderiam têr impulsionado as artes e as indústrias, ser-



viram para erguêr conventos e praças de toiros. Não sabes talvez o que eram no occidente as praças de toiros, e é bom que o não saibas, para não mareares por qualquer maneira a ideia sublime que fórmas da humanidade.

Nos princípios do século XIX, Portugal sentiu uns vagos pruridos de civilização, e começou a golpear os privilégios das classes, a humanizar-se, por que assim o diga, e a demandar indecisos ideais que já ficavam longe dos povos verdadeiramente selvagens.

Mas, no espírito daquela nação, operava-se ao mesmo tempo uma evolução psicológica, que podes offerecêr como problema ao nosso eminente sociólogo Priscofilogêncio: á proporção que se alumiaava o espírito público, e que se iam entrevendo os caminhos do devêr cívico e dos destinos humanos, a vontade reagia contra a sciência e contra o bem, e voltavam-se as costas para não vêr o abismo, a que a vontade impellia. . . .

São muito curiosas, a êste propósito, as memórias de Reliquiano, a que me estou soccorrendo. Nos fins do século XIX, gran-

de parte da população já sabia lêr. Estudavam-se direitos e devêres, democratizava-se a educação, multiplicavam-se associações humanitárias, celebravam-se congressos de beneficência, reconhcia-se por lei a soberania popular, e não se deferiam prêmios á virtude por se intendêr que ella estava na índole e na *brandura dos costumes* nacionais e era de si própria o mais elevado prêmio. Conjuntamente porém, o direito e a justiça, tôdas as vêzes que tivesse de dar um passo, necessitava de muletas ou patronos esforçados; o nepotismo e os privilégios sorriam-se das leis, e esmagavam os pequenos e os tracos: os podêres públicos consentiam a exposição de domadôres de fêras, e applaudiam nos anfiteatros a destrêza com que se sangrava um toiro em briga com o homem; nas trapeiras dos mais vistosos arruamentos, morria-se de fome e de frio; os velhos e as crianças não tinham protecção especial; os infanticídios ficavam muitas vêzes impunes; as ciganas mendigavam livremente, levando os filhos ás costas, quási asfixiados em trapos immundos, dentro de ceirões infectos; dois ou três homens dispunham da soberania nacional, e

arrebanhávam-se as ovelhas de Panurgo, para borregarem o seu voto nas assembleias legislativas; a prostituição adquiria os fóros de uma instituição social, e instaláva-se, parêdes-meias, com a burguesia honesta e com a mais delicada aristocracia, levando o contágio aos mais vedados recessos. E mais; muito mais que a blasfêmia de Bruto.

Tu sabes, meu querido mestre, que as leis históricas hão de resistir sempre a blasfêmia igual; não é verdade? Como era natural, foi rápida a decadência dos portugueses. Nos primeiros annos do século XX, o industrialismo concentrára o resto das forças vivas do país, e o predomínio individual era a ambição única, o sonho doirado de seis milhões de cidadãos. No encalço dessa ambição, todos os meios eram legítimos. Os governados injuriavam os governantes, estes locupletávam-se á custa daquêlles, o podêr transmittia-se ao mais audaz e mais feliz, e a efêmera duração dos consulados supremos apressava a anarquia geral. Por fim, ninguém pagava as despêsas públicas, ninguém reconhecia os podêres do Estado. Nesta conjuntura, houve quem pensasse que o cesarismo poderia alongar

os dias de uma nação moribunda, e um grupo de agricultôres chamou do exílio um príncipe desconhecido. Mas o princípio da autoridade era mais desconhecido ainda, e as ondas da guerra civil varreram o príncipe, refluindo sôbre si mesmas e dizimando a população.

Foi então que uma nação alliada condoendo-se do pouco que produziam êstes campos e do abandono em que estavam as riquêzas naturais do país, mandou ao Tejo uma esquadra, que saqueou as principais cidades, transportou os homens válidos para o Canadá, e disse aos vèlhos e aos doentes que lavrassem os campos da pátria.

Se os lavraram, não sei. Sei apenas que aquella boa alliada não veio tratar da colheita, porque se achou envolvida numa luta geral entre as maiores potencias da Europa. A êsse tempo, a Rússia alargava já o seu domínio até ao interiôr da China, e pôde apresentar nas fronteiras occidentais da Europa dois milhões de moscovitas, mongóis, tartaros e mandchus, que reduziram a Europa a um grande campo de batalha, em que só êlles colheram despojos.

Desde então, ninguém manda na Europa, senão Sua Onnipotência Russa, que vive nas ruínas do Krenlim, guardado por ursos brancos.

E agora, já é tempo de te dar conta das explorações que estou fazendo nas ruínas da capital portuguesa. Vejo, porém, que o pescadôr de pérolas, de quem receberás esta missiva, vai partir, e obriga-me a fazer ponto por agora. Aguarda para breve mais informações minhas, como eu aguardo as tuas boas novas.



## CARTA II

**O Cartaxo.—A emprêsa «Mixordia & C.»—Os contrabandistas.—Bandidos de casaca.—Os alçapões da fortuna.—Homens-mulheres e mulheres-homens.—A bebedeira nacional.—Influencia do vinho na politica.**

*Mestre.*—Estamos já na segunda lua do primeiro equinócio do anno 3000, e é escasso o que, por emquanto, te posso comunicar ácerca das explorações, a que anteriormente me referi. Debruçado sobre os mapas da antiguidade lisbonense, e á vista dos cêrros e valles por onde se estendia a cidade do Tejo, tenho levado dias e noites a reconstituír na memória essa pitoresca povoação, a que a passagem do tempo e os abalos subterrâneos nem sequer pouparam a sua primitiva configuração.

A tenda, em que te escrevo, está erguida

onde provavelmente existia o castello de San-Jorge. O monte de Santa-Catarina, referido nas descrições antigas, foi provavelmente arrasado por algum cataclismo, que permittiu alargar-se o Tejo até San-Roque, cobrindo tambem o que noutras eras se chamava a *cidade baixa*.

Nas horas em que a maré deixa a descoberto a antiga *Praça do Commércio* e a *Avenida marginal* do século XX, já tenho feito algumas ligeiras explorações, e recolhido alguns fósseis e exemplares arqueológicos, de que minuciosamente falarei no meu *Diário*.

Á mingua de interêsse scientifico, não deixa de ser curioso um dos primeiros objectos que se me depararam numa pequena escavação, a léste da minha tenda, no mesmo sítio talvez, em que se emaranhavam as vielas de Alfama.

É uma prancha, ou lâmina, petrificada, e recoberta de calcáreo e grés de formação marina. Fi-la immergir numa solução de corrosivo antilítico, e, desligado o calcáreo da prancha primitiva, pude lêr nella, em indecisos caractéres:



ALTO AQUI!  
LEGÍTIMO VINHO DO CARTAXO!

As memórias escritas do quinto período geológico, um pouco mais claras que as do período terciário e quaternário, e bem assim as preciosas informações do cenobita açoriano, convenceram-me de que a prancha alludida era uma tabuleta commercial; e de que a apparente redundância da expressão *vinho legítimo* era a mais legítima consequência do estado económico e social dos portuguezes, no século XX, ou fins do século XIX, a que a prancha provavelmente pertencia.

*Cartaxo* devia sêr algum burgo vinhateiro; mas, com o seu nôme, vendia-se vinho legítimo e vinho falsificado. Parece que o mesmo succedia com outras regiões vinhateiras, porque havia vinho do Porto, que era da Bairrada; vinho de Collares, que era de Tomar; vinho de Bordéus, que era de Carcavelos; vinho de Champanhe, que era do Poço do Bispo.

Este qui-pro-qué industrial estava tão radicado nos costumes do povo e no interesse das grandes indústrias, que, quando

um govêrno julgou indispensável dar o nôme ás vaccas e pôr os pontos nos ii, como então se dizia, uma emprêsa poderosa, Mixórdia & C.<sup>a</sup>, fêz uma revolta, que obrigou o govêrno a cantar a palinódia e deixar corrêr o marfim. Em tôdo o caso, não havia desdoiro na transigencia, porque estava ainda em voga uma sciência, chamada economia política, de cujos princípios bastará citar este: «*laissez faire* . . . mixórdia e tudo.»

O que se dava com o vinho reproduzia-se nas demais indústrias: a manteiga era margarina, o café era grão de bico, o assúcar era farinha, os panos da Covilhan eram panos de além-Caia. Por desamôr a êstes panos e a outras fazendas suspeitas, estêve um ministro em risco de sêr crucificado por uma seita de contrabandistas, que infestava o país.

E as falsificações estendiam-se a tudo, desde as indústrias até aos industriais, desde o pôvo até aos govêrnos. Comerciantes de gente negra, bandidos de casaca e luvas, marçanos anónimos que surgiam endinheirados dos alçapões da fortuna, tinham no seu tempo o cognôme de homens de

bem, beneméritos e sustentáculos da pátria.

Uma das festas favoritas do occidente era o carnaval, em que toda a gente revelava as suas tendências e aspirações, mascarando-se do que não era. Pois nos últimos tempos desta nacionalidade, o carnaval tornou-se permanente, não a rir, mas a sério. As lendas de Sardanápalo, de Joana d'Arc, e de Maria da Fonte, tiveram a sua consagração prática nos últimos tempos de Portugal. Havia homens que eram mulhéres, e mulhéres que eram homens. Nas vendas de módas, robustos mocetões, cheios de denguices e perfumes, ajustavam *tourneres* em ancas femininas. A mulhér do campo lavrava as terras; a da cidade, se não vendia cautelas nem fazia a guarda nocturna da cidade, fazia política e ingeria-se vigorosamente na burocracia, aniquilando os seus indifferentes, e elevando os seus favoritos aos mais altos cargos da coisa pública. A uma palavra, a um simples gesto de mulhér formosa, mais de um ministro criou inconscientemente um directôr geral, um governadôr, um cônsul.

Mas isto é antecipar assuntos, meu que-

rido mestre. Hei de descrevêr-te, mais por miudo, a organização social e burocrática da nacionalidade portuguesa; e, por muito que te espantes desde já, só perante um quadro mais completo e mais vivo, poderás entrevêr a decadência a que alludo.

Nesta carta, propuz-me falar-te apenas da minha primeira exploração nas ruínas lisbonenses, e transmittir-te as impressões que ella me deixou.

\*

Está demonstrado que a venda do *Cartaxo* era um entre milhares de estabelecimentos congêneres. Os portuguezes bebiam muito Cartaxo, muito Torresão e muito Termo, ou coisas com êsse nôme. Só assim se explica como êste paíz foi cambaleando através de alguns quartéis do seculo XX, até cair no sono, de que nunca mais despertou.

De noite pelas ruas e praças da cidade, havia agentes policiaes, encarregados de conduzir a alberges públicos os cidadãos que, cançados de bebêr, se estiravam na calçada.

A embriaguêz, longe de ser punida, che-

gava a ser gentil, quando não provocava o sono. Para se sêr amável, para se falar sem hesitação, para se pronunciar um discurso arrebatadôr, chegou a julgar-se indispensável o têr grão na asa.

E isso explica-se. Em Portugal, os faladôres tiveram sempre a mais larga aceitação. Quem o não fôsse era semsabôr e reles; e, se o desgraçado fôsse deputado, nunca chegaria a ministro, excepto em caso de recomposição urgente. Audácia e parola, com um pouquinho ao menos de ignorância recommendada, era aqui o mais curto e direito caminho para as grandezas políticas e sociais.

Muito excêntricos, estes neo-visigodos; não é verdade?

Ainda não viste nada, meu grande amigo. As informações de Reliquiano e as antigas crónicas que o acompanham, descerraram-me um mundo nôvo, e tudo te contarei.

Por agora, estão-me chamando a atenção uns póstes escuros, que se erguem no Tejo, de espaço a espaço, dêse uma á outra banda. Vou examiná-los.

Até já.



## CARTA III

**A ponte monumental.—Melhoramentos desnacionais.—  
Ministros budistas.—A lenda da «Pasta». Epopeia e  
comédia.**

*Amigo e mestre.*—Fui, com effeito, examinar os póstes, que da minha tenda, se avistam no Tejo, de espaço a espaço, dêse de uma á outra banda.

São restos de grandes pilares de ferro, meio carcomidos pelo tempo e pelos óxidos salinos. Folheando memórias seculares, cheguei á conclusão de que êstes pilares sustentaram, há déz séculos, uma grande ponte que ligava as duas margens do Tejo.

E' difficil verificar-se hõje a quem pertenceu a iniciativa daquella construcção, realmente notável. As relações e monografias coevas falam vagamente de um construtôr nacional, *Pais*, como sendo o primeiro que

forneceu um plano exequível para a famosa ponte. Parece no entanto averiguado que os portugueses não acreditaram jámais que santos de casa fizessem milagres, e que aceitaram o primeiro ou o segundo plano que appareceu firmado por um ou mais nomes estrangeiros.

Timbravam de patriotas os portugueses, mas tinham uma adoração fetichista por tudo que lhes viésse de fóra, desde os toireiros e cantôres de opereta até aos trajes de gala e aos planos de construções nacionais. *Nacionais*, digo eu, por se realizarem dentro da nação; mas foram de ordinário estrangeiros os construtores das obras, de que mais se envaidecia o país.

A velha e grande ponte fizeram-na pois estrangeiros, que por muitos annos lhe auferiram os melhores lucros.

Não devo porém occultar-te que os governos nem sempre negaram o seu apoio aos grandes melhoramentos materiais.

Mas tal apoio não era, nem podia sêr vulgar, porque exigia rara coragem e disposição para o sacrificio e para os golpes da calúnia. Ministro que apparecêsse, com animo para grandes empreendimentos, que



tivésse a coragem de cortar fundo nos abusos que o rodeavam; que zelasse a sério os rendimentos do Estado, fiscalizando as receitas, embaraçando as falsificações industriais, e despertando os devedores remissos, acendia dêsde logo a eloquencia do rancôr, e açulava as matilhas, que constituíam a guarda de honra dos corrilhos de seita.

Como natural consequência dêstes processos, para que um ministro passasse por exemplar, *fashionable*, aplaudido de gregos e troianos, devia têr uns laivos de filosofia budhista, e não incommodar a consciência nem a legislação sôbre as necessidades do Estado e o devêr dos estadistas. E assim, os ministros mais prudentes eram os que nãda faziam, arriscando-se apenas a fazer tolice, quando um directôr de semana, uma favorita, ou um contínuo, lhes aproveitavam a habitual sonolência, para lhes introduzirem arteiramente na *pasta* uma illegalidade, ou uma espoliação, sob-colôr de decreto.

Muito provavelmente, não sabes o que era a *pasta*.

A *pasta* era o vellocino de oiro, dos tem-

pos mitologicos da Grecia: frotas de Jasões coalhavam os mares, em demanda do carneiro precioso. . . A *pasta* era o verdadeiro San Graal, das lendas medievais: cada cidadão era um cavalleiro andante, que levava a existência, em procura do vaso sagrado. . . A *pasta* era a terra santa, que estava sempre em podêr de infieis; e tôdo o fiel português reconhecia em si o patriótico e religioso devêr de ser Godotredo, ainda que fôsse Godofredo de loiça das Caldas.

A *pasta* era um símbolo e uma religião, meu amigo. Assim como o barril era o símbolo do trabalho, e a giga o símbolo da honradez nacional, a *pasta* era o símbolo do podêr, dos ócios deslumbrantes, das vaccas gordas do Egipto, do paraíso do Alcorão.

Como as grandes ideias e os grandes commettimentos, a *pasta* foi assunto de grandiosas epopeias, de que apenas restam alguns fragmentos. Dêstes, conservo um, com que me brindou Reliquiano, e cuja reprodução me não desagradecerás, porque tem verdade e. . . côr local. Não sei se pertence a algum trovadôr de *gestas*; mas, pela calligrafia e pelcs conceitos, não pôde sêr anteriôr ao seculo XIX.

O bardo cantava assim a *pasta*:

## I

Ella saía triunfante, cheia,  
alegre, rubicunda e satisfeita,  
tomando pela rua mais direita  
que leva ao real paço, onde pompeia,  
entre festões e púrpuras e rendas,  
a chancela das graças e prebendas.

## II

E todos estendiam olhos ávidos  
para o bôjo da *pasta*, são, replecto ;  
e, sofrendo o coração inquieto,  
abriam alas aos corcéis impávidos,  
que levavam a pasta deslumbrante  
como um rajá num dorso de elefante.

## III

E as alas murmuravam em segrêdo:  
—Que leva a pasta ? Não havêr quem entre  
naquelle estranho e avermelhado ventre !—  
E uma viúva suspirava a mêdo:  
—É talvez a pensão ! talvez...—E um padre :  
—Tem mais um bispo a nossa Santa Madre...

## IV

—Emfim, vou ser barão !—outro dizia,  
poisando as mãos na refegada pança.  
Um patriota:—Firma-se a alliança

de Albion com a nossa monarquia!—  
 Um político:—Eu já o tinha dito:  
 vai Astreia reinar no meu distrito!—

## V

Um servidôr da pátria:—Os meus serviços  
 vão ter o galardão, o justo prêmio!—  
 Uma elegante:—*Élle* perdeu no Grêmio  
 uns quatro contos, mas os meus feitiços  
 conquistaram da sábia ditadura  
 para nós dois a perennal ventura.—

## VI

Um traficante:—Temos já govêrno  
 que remunera amigos prestadios;  
 entro na alfândega; e o cunhado e os tios  
 lá entrarão, quando chegar o inverno.—  
 Um proletário:—Mesmo assim *servente*,  
 já se póde têr casa e cama quente.—

## VII

Um sábio, quasi a crêr na Providencia:  
 —Até que emfim, houve um ministro amigo,  
 que me viu, e que disse lá consigo:  
 «não é bonito esfomear a sciencia!»  
 e por decreto vai mandar-me em breve  
 tratar de bombas, que é officio leve.—

## VIII

E a *pasta* prosequia o seu caminho,  
 serena, impermeável... Quando a abriam,

um rato e uma gran-cruz della saíram,  
um cónego, um fiscal, um barãozinho,  
um sino, três commendas, uma estrada,  
um escândalo reles e... Mais nada.

Sendo as coisas assim, como se refere nas epopeias, a comédia política em Portugal devia sêr muito divertida... para os espectadores. Tinha apenas o inconveniente de não sêr edificante, porque ninguém aproveitou com as lições, a não sêrmos nós, que hõje podemos moralizar a história.

Deixo porém á tua discrição tôdas as ponderações morais, e vou, ainda hõje, examinar a antiga praça de San-Bento, onde parece que se reuniam os legisladõres, e onde naturalmente se me depararão alguns fósseis e monumentos para estudo.

Até logo.



## CARTA IV

**A estátua de José Estevam.—Como se fabricavam legisladores.—Caixeiros e titulares.—O telónio da «Ar. cada».—Os escaninhos da burocracia.—Cretinos e bongas.—História dos concursos.**

*Carissimo.* — Visitei demoradamente as ruínas de San-Bento, que ficam a meio de uma encosta, quasi a cavalleiro da margem, donde partia a velha ponte, de que já te falei.

O monumento, que primeiro se me deparou, foi uma estátua de bronze, derruída e meio coberta de sedimentos argillosos. A estátua representa José Estevam, um legislador eloquente, que floresceu no seculo XIX, no tempo em que os homens públicos ainda tinham convicções, sacrificando-se por ellas, e falando sinceramente dos interesses da pátria.

José Estevam, a julgar pelo que se escreveu nessas eras, possuía a ingenuidade das crianças e dos homens de bem, a coragem dos apóstolos convictos, e aquella eloquência inexcedível, que não tem nada com a arte, e tudo com a alma, com a inspiração, e com a grandêza dos ideais, que fazem acurvar tôdos os espiritos sãos.

A alma portugûesa ainda vibrava um pouco, sob as ondulações mágicas daquella vóz privilegiada, que, se a morte a não gelára, poderia salvar um país condenado. . .

Foi merecida a estátua, bem vês. Mas se José Estevam fôra vivo quarenta annos depois, a sua vóz ardente e nobilissima cairia friamente no tímpano dos legisladores; e, os que não dormitassem, teriam para o discurso um bocejo e um commentário réles:—Cantigas!—

E' que a política foi-se transformando com os annos. Por fim, não se comprehendia que houvesse eloquência parlamentar, quando o oradôr não tivêsse o necessario vigôr para fazer voar em estilhas uma bancada de legisladores, ou o desplante sufficiente para cuspir na cara do presidente da assembleia; e o verdadeiro político seria



aquêlle que mais afortunadamente se afa-  
nasse no bom arranjo da sua pessoa e da  
dos seus affins.

Os legisladôres, na sua maioria, eram  
eleitos indirectamente pelos govêrnos, a  
quem impendia o redigir as leis, que eram  
da responsabilidade dos eleitos. Conseguin-  
tamente, os predicados de um legisladôr  
eram de uma simplicidade extraordinária;  
e assim, a par de um ou outro erudito, de  
um outro publicista, o diploma de legisla-  
dôr era emprestado graciosamente a caixei-  
ros de balcão, recoveiros, arrais e cabos de  
esquadra. Verdade é que, a pouco trecho,  
os cabos eram generais, os arrais eram al-  
mirantes, os recoveiros eram banqueiros, e  
os caixeiros eram marquêzes. Não se discu-  
tia o ponto de partida; a questão era subir  
e chegar. Aceitavam-se os factos, e, segundo  
o consenso geral, harmonizavam-se perfei-  
tamente com a índole da democracia. A  
única dificuldade era evitar que, ao mezi-  
nheiro convertido em alta potência, não se  
dêsse nôme que recordasse as mézínhas.

Para obviar a dificuldade, criaram-se ex-  
pedientes vários. Ao mezinheiro, por exem-  
plo, impunha-se oficialmente a crisma de

—*conde* de qualquer coisa illustre. Um Santos, bacalhoeiro, passava a chamar-se *conselheiro Dias Santos*. Domingos houve, que fôram commendadôres, quando na organização predial já não havia commendas nem feudos. A um Semana, que curava flatos e erguia a espinhela, chamou-se *doutôr Semana*; e até os mêses serviram para baptizar as grandêzas anónimas, dizendo-se geralmente: o *directôr Janeiro*, o *inspectôr Fevereiro*, o *pescador Maio*.

Uma vêz guindadas aos intermúndios da prosápia social e burocrática, as nullidades da véspera davam-se particularmente a longos ensaios para *falar de papo*, e varriam da memória tôdos os seus conhecidos, desde conselheiro para baixo. Barbeadas, erectas, solenes, á similhaça de Momos mascarados de Júpiter, eram inacessíveis á humanidade do seu bairro e aos peões da sua antiga igualha; e quando se dignavam de palmilhar o asfalto da cidade, os candidatos a escriturários e os pacóvios de tôdos os matizes abriam alas respeitosas, murmurando com reverência:

—Sr. commendadôr...

—Sr. conselheiro...

—Sr. marquêz...

E o marquêz, e o conselheiro, e o commendadôr, apumavam mais a espinha, aproximavam da aba do chapéu o dêdo indicadôr, e orientavam-se para a *Arcada*.

\*

A *Arcada* era a bolsa pública, em que se cotavam as celebridades daquêlles tempos. O prólogo das crises políticas, dos sindicatos, e da comédia da alta vida e da alta finança, representava-se na *Arcada*. O cavallo de bronze, que o reconhecimento público ergueu á memória de Pombal, assistia impassível ao falario dos grupos; as majestades momentâneas subiam ás secretarias. e as ondas do Tejo espreguiçavam-se na lama...

E o *Semana*, e o *Domingos*, e o *Dias Santos*, e o *Fevereiro*, e o *Mai*, e o *Natvidade*, e o *Cebola*, devidamente crismados com titulos vistosos, e transformados agóra em árbitros da coisa pública, guiavam arteiramente as suas combinações pelos escaninhos burocráticos, em que se baralhavam os memoriais e as alpacas, num jôgo complicado de trunfos, biscoas, tollice e patronato. O jogadôr,

que melhor conhecesse as cartas e contasse com algum mérito próprio, como o *Maio*, era degradado para as regiões da retórica, ou para o paiz dos ingênuos, e o bôlo era repartido pelos afilhados dos jogadores mais felizes, mais ineptos e de consciênciã mais elástica.

Os *Fevereiros* e os *Natividades* davam-se as mãos, para atravancar a passagem e o accesso a tôdos os importunos que valessem alguma coisa e pudessem sombreá-los.

E assim, aquêlles que um cégo acaso, ou um braço de mulher, ou os esforços inconscientes do prefeito de um burgo, elevavam ás eminências sociais, desvelavam-se tenazmente em rodear-se de cretinos, que os não excedessem na craveira intellectual, e que lhes garantissem o predomínio de um bonga em aringa de cafres.

Tal garantia e tais intúitos eram, uma vêz ou outra, contrariados por uma formalidade legal, a que se dava o nome de *concursos*. Uma vêz ou outra, e não em geral. Em geral, succedia uma de duas: ou o ministro despachava *in petto*, previamente, o sobrinho, o cunhado, ou o afilhado, e nessa hipótese o resultado do concurso era indifferente para a nomeação definitiva; ou a

nomeação dependia da classificação superior, e os candidatos analfabetos tinham ao lado, por traz de um reposteiro, um espírito santo de alpaca, que os convertia momentaneamente em Mezzofantes e Picos de Mirandola, infundindo-lhes o sabêr preciso para discorrêrem *de omni scibili* e desbançarem os enciclopedistas do século XVIII.

\*

Entre os livros do Reliquiano, há uma interessante monografia, *A historia dos concursos em Portugal*, e não resisto á tentação de te referir alguns dos seus episódios mais originalmente edificantes.<sup>1</sup>

.....

.....

Podes rir-te á vontade, porque ninguém

---

1 Nêste ponto, como noutros muitos, permitto-me a liberdade de reservar para a edição definitiva muitas citações e referencias de Terramarique. O sabio não tinha motivo para condescendencias, e é por vêzes tão cruel, que vou perguntar ao meu travesseiro se será patriotismo vulgarizar desde já tôdas as allegações e commentarios do futuro crítico.

Além do que, o meu revisôr sustenta convictamente que há muitos casos, em que se deve têr papas na lingua. Assim será. E desça a folha de parra.

(Nota do editôr).

hôje sente os lastimosos efeitos dos episódios que lêste. E' essa uma das grandes vantagens da história: podermos assistir, em espírito, ao desmoronar das sociedades, sem que venha ferir-nos o ouvido o tripúdio dos impenitentes e as imprecações das vítimas.

E tudo isto a propósito de uma estátua! Mas é que realmente, enquanto se não adiantarem mais as minhas explorações, os os assuntos escasseiam-me, e vou discorrendo ao acaso, familiarmente, como quando conversâmos juntos, nas naves da universidade central.

Parece que em Lisboa abundavam as estátuas. Pelo menos, um dos meus operários já me annunciá o apparecimento de outra, na orla do Tejo, á beira talvez da antiga *Avenida Marginal*. Não a vi ainda, mas, segundo as indicações de Reliquiano, deve sêr a de um guerreiro illustre, que tinha por nome *Bandeira*.

Vou vê-la. Até breve.

## CARTA V.

Sá da bandeira.—Bifes de moiro.—Os guerreiros: o soldado; o alferes.—Os ideais portugêses.—A reforma, a aposentação, o sindicato, a sorte grande.—O sabre municipal.—Pé de alferes.—O uniforme, sua influência social.

*Querido mestre.*—Effectivamente, a estátua, de que te falei, representa um guerreiro, que se appellidava *Bandeira*, e que era marquêz, e Sá, e outras coisas, mas que, sob outro aspecto, era menos que qualquer homem homem, porque tinha apenas um braço. O outro, perdera-o combatendo por o que êlle suppunha a liberdade da pátria, e teve a fortuna de morrêr, antes de perdida a gratíssima illusão.

Têve guerreiros esforçados este pequeno país. Conta-se até qué o seu emancipadôr Affonso não se alimentava senão com bifes de moiro, magistralmente cozinhados em

Santarém e Lisboa. Outro chefe português, quando já se não caçava um moiro ou um judeu para assar nos brazidos da Inquisição, sentiu a nostalgia do acepipe, e atirou consigo para as terras da Moirama, morrendo de uma indigestão em Alcácer-Kibir.

Quando se convenceram da impossibilidade de perpetuar a iguaria, os portugueses molharam a sôpa em sangue de hispanhois e francêses, e por fim lançaram-se uns contra os outros, porque a religião dizia a estes—mata!—e a liberdade dizia áquelles—esfola!

Havia porém larguíssimos intervallos, em que os guerreiros, cançados de esfolar e matar, faziam exposição gratuita da sua pessoa, da sua espada e do seu uniforme, por tôdos os ângulos do país, como para attestar que não se havia extinguido a raça mavorcia daquêlles que comiam bifes de moiro.

Exposição *gratuita*... não disse bem. Os guerreiros, em tempo de paz, eram largamente estipendiados, e o estipêndio sobrevivia ao uniforme, porque a *reforma* garantia a subsistência, e dispensava os serviços da exposição.

Como consequência, o ideal de 2.250:000



portuguêses era a *reforma*, como a *aposentação* era o ideal de outros 2:250:000; havia também 2:250:000 que tirham por ideal o *sindicato*; e o ideal dos restantes era a *sorte grande*.

Somados tôdos êstes ideais, cifravam-se em: vivêr sem trabalhar. Os que o attingiam convertiam-se em sátrapas, que dormiam dêside a madrugada ao lusco-fusco, para se aborvêrem nos misterios da noite, e defrontarem os seus diamantes com o brilho das estrellas do céu e da terra. Os que o não attingiam, eram novos Prometeus, que, amarrados ao destino, sentiam devorar-lhes as entranhas um abutre invisível e implacável.

Entretanto, não se pôde dizêr que a reforma fosse o ideal exclusivo de todos os guerreiros em férias. Pelo menos, havia entre êlles duas categorias, o soldado e o alferes, que de outra fôrma repartiam seus cuidados.

Notarei de passagem que eram variadissimas as categorias militares, e mais ou menos numerosas, segundó a elevação do pôsto: nos princípios do século XX, o exército português era compôsto de duas bôcas de fo-

go, 50 soldados, 100 sargentos, 200 alferes, 400 tenentes, 800 capitães, 1:600 majóres, 3.200 tenentes-coronéis, 6:400 coroneis, 12:800 generais de brigada.

De tôdas as categorias, as mais características eram as de soldado e alferes.

O soldado era a tentação viva, ou, como se dizia então, o *ai Jesus* das vendedeiras ambulantes e das servas de cozinha. Havia, moça, que sentia um prazêr ineffável; ao corrêr as mãos pela bainha de um sabre municipal; e o guerreiro, ao contemplar-lhe as mãos, mañchadas do fogão e tresandando a refugo de cebôla, sentia as visões do ópio e julgava aspirar o mais enebriante perfume oriental.

Dêsde que, ao fim de uma rua, vermelhejava um uniforme de soldade, havia rebate nas cozinhas e refeitórios: dezenas de cabêças, no desalinho da anciedade, asso-mavam ás janelas e ás trapeiras, e muitos olhos convergiam instintivamente no mesmo ponto, illaqueando o guerreiro numa rêde interminável de aventuras. Ao mesmo tempo, a sôpa esturrava-se na panela, o gato saboreava o guisado e provava as costeletas, e a dona da casa perguntava ao seu

cristal de Veneza se já não teriam demóra ps pés de gallinha. E o guerreiro, triunfante e feliz, contava, á noite, na tarimba, ao 29 da 5.<sup>a</sup>, a história dos seus feitos e conquistas, que deixavam a perdêr de vista as proêzas do *Albuquerque terríbil* e do *Castro forte*. Mêses depois, a imprensa linguareira noticiava que em vários saguões e bêcos, e até em barris de lixo, appareceram vários recém-nascidos, de procedência misteriosa.

Mas o alfêres não se confundia com os guerreiros da ínfima escala. Embora não exercesse menór prestigio, só excepcionalmente tomava a cozinha por campo de batalha: as suas vistas mediam todos os andares dos predios burguêses; a sua estratégia abrangia os passeios públicos; nos seus planos entravam essencialmente os templos, os teatros e as praias.

Conhêcia-se em tudo o alferes; até no andar. Fazer *pé de alferes* era o predicado mais gentil dos moços esperançosos. Não permitiam as leis a poligamia nem a poliantria; mas a multiplicidade de amôricos num peito de alferes era a primeira e a mais inevitável das condecorações de um guerreiro.

Era desmedido o dominio de cada alfe-

res. Verdadeiro senhôr feudal da burguezia feminina, os pais de familia olhavam-n'os de soslaio, as tias viajavam as fechaduras e os moços de fretes, as mamans estarreciam-se de susto, e as meninas alvoroçavam-se de esperanças e incertezas.

Passára o tempo, em que as jóvens Lílias tinham por alvo o amôr e uma cabana. Em tôdos os corações femininos dos quintos andares só cabia por fim esta aspiração: um piano e um alferes. O piano era o prelúdio da marcha, o alferes era a música da vida.

\*

Desejas certamente que eu te desvende o misterio desta influença magnética, exercida outrora pelos guerreiros em férias. Mas, não penses que vou falar-te do seu espirito, ou da sua belleza; não se occupam disto as memorias coevas, e o que pude averiguar é que o soldado e o alferes não precisavam de outros amavios nem de outras seduções além do seu uniforme. Houve até um alferes que, por têr despido o uniforme na noite das suas núpcias, viu fugir-lhe a esposa no dia seguinte; e um cronista daquêlle tempo

conta que uma noiva exigira do seu par que não se separasse do uniforme durante a lua de mel.

Tu não imaginas o irresistível podêr que as appârencias em geral, e os uniformes em particular, exerciam no espírito dos portugueses da decadência. O uniforme reagia exactamente contra a *uniformidade* dos trajes: para que não houvesse *uniformidade*, é que se criou o uniforme. Este separava as classes e até as categorias de cada classe; e tal distinção era universalmente acatada, enquanto universalmente se proclamava e aplaudia a extinção das classes e a abolição dos privilégios.

Mas, de factó, as categorias sociais subiam a tal número, que a imaginação occidental, se bem que poderosa, têve que confessar-se impotente para criar uniforme em tôdas as categorias, e aceitou, para certos cidadãos e para os actos solenes da vida social, uniformes que haviam sido o traje habitual de gerações extintas. Assim, cem annos depois da extinção dos monges, os estudantes trajavam o uniforme monacal; os homens nobres vestiam-se de cavalleiros e pagens da idade-média; os sábios perpetua-

vam a usança dos vistosos colares do tempo da regência; e os caprichosos chapéus emplumados dos jograis de carnaval eram, nas occasiões mais graves, o emblema obrigatório de um homem distinto.

Os espíritos superiôres aceitavam êstes factos sem discussão; e a arraia miuda sentia-se tomada de respeito, perante um fila de uniformes. Era do estilo; e conta um gracioso cronista, que, quando em público apparecia um cavalleiro uniformizado, o povo formava alas, e a bêsta passava.

Cérro-me hõje por aqui; mas, antes de fazêr ponto, quero dizêr-te que, na minha próxima carta, te falarei ainda de uma estátua. Creio que já te disse que uma convulsão geológica abateu o antigo monte de Santa Catarina. Na vertente dessa depressão, onde deveria existir o bairro de San-Roque, pude descobrir, soterrada e mutilada, uma estátua que representava o poeta, a que noutra carta alludi, e cujo nôme é ainda hõje o vivo reflexo da arte portugûesa.

Falar-te-ei portanto de Camões e de le-

tras portugêsas, o quanto me permittam os ensinamentos de Reliquiano e os livros que o acompanham.

Pensa em mim, e vive para tôdos.





## CARTA VI

**A escrita portugêsa. — Os mestres da decadência. —  
A crítica; a poesia. — Os «Lusiadas». — A arte e a couve-  
gallêga.**

O grande poeta, a que anteriormente me referi, — Camões, — escreveu numa língua, hõje universalmente desconhecida, como tôdas as línguas do século XX.

A língua dos portugêses fõra primitivamente um mixto de locuções romanas, árabes e provençais. Regularizára as suas fórmulas sintácticas e prosódicas no século XV, e chegára á possível perfeição no século XVI, a que pertenceu o poeta dos *Lusiadas*. Deteriorada no século XVII pelo prurido das innovações, da extravagancia e das

subtilezas ôcas, tentou baldadamente recuperar os seus créditos no século XVIII, até que depois de meiado o século XIX, entrou num período de deplorável anarquia e de decadência definitiva. Os raros modelos de boa linguagem, carcomia-os o gusano e apodreciam em arquivos tenebrosos e bafiantos.

Os escritôres, que o consenso geral classificava de pontífices literários, reduziam o seu exemplo e a sua sciência ao jôgo casuístico das etimologias, considerando mais perfeita a escrita que mais difficil fôsse de aprender e imitar. Em vêz de têrem um sinal exclusivo para a representação de cãda som, estribavam-se nos infólios grêgos e latinos, e permittiam-se o luxo nocivo e inútil de dar a um só sinal valôres diferentes, para que os estrangeiros, as mulheres e as crianças nunca pudessem dizêr que sabiam a língua nacional. Assim, o *nh* pronunciava-se de um modo em *minha* e de outro em *inhábil*; o *ch* em *fachada* não se pronunciava como em *monarcha*. Em certas locuções, faziam adiconamentos que não significavam coisa alguma, como em *phytica*, para exprimirem uma ideia que, com a maior sim-

plicidade e nitidêz, podia exprimir-se por *tísica*.

E tudo isto, em nôme das etimologias, que os próprios pontífices desacatavam, pois que insensivelmente escreviam *caridade, caro amigo, idade, Santos, semelhante*, etc, quando, se fossem consequentes no próprio absurdo, deveriam escrevêr *charidade, charo amigo, Sanctos, similhante*, etc.

Faziam mais ainda. Quando a etimologia lhes não offerencia pretextos para escrevêr e complicar a linguagem com adições sábias, acrescentavam sinais e duplicavam consoantes, a seu bel-prazer. De fórma, que era vulgarissimo vêr-se um patriarca das letras escrevêr: *cahir, sahir, fallar, Thiago, sachristão*, quando não havia razão nem sombra de pretexto para que se não escrevêsse: *cair, sair, falar, Tiago, sacristão*.

A esta anarquia, para que se não olhava, ainda nas esferas mais illustradas, mas que era já um grande passo para a ruína da língua, acrescia o caos, em que atropelavam a linguagem os escritôres que, antes de o serem, não estudaram o seu idioma.

A ância do renôme, a pressa da celebridade, sacrificava as mais evidentes aptidões,

atirando os sedentos de glória, das bancadas da escola primária, para as arenas do jornalismo, do romance, da critica e da poesia.

Não podes imaginar o que se disse e o que se escreveu, por êsses tempos. A linguagem chegou a sêr uma algaravia inextricável, donde a grammática e o bom senso fugiam espavoridos e horrorizados. A crítica tornou-se uma faculdade puramente individual, pela ausência de princípios e de orientação: o crítico A. celebrava a apoteose daquillo que, para o crítico B., era a suprema toleima; num dia, tôdo o occidente aclamava um herói, e, momentos depois, o herói era recenseado na confraria dos ineptos ou dos infames. O romance era a fotografia da linguagem do tempo e o estimulante de paixões reles. A poesia, ou, antes, o que se crismava com este nôme, era, por via de regra, a extravagância metrificada a palmos, em gíria de estudante cábula.

E contudo, meu amigo, Portugal têve uma literatura. Póde até dizêr-se que, de tôdas as bellas artes, a poesia foi a que maior número contou de notáveis artistas. Em parte, explica-se o factô pela influência

de tradições aventurosas, e pelo cáldo temperamento e vago sentimentalismo das gentes occidentais.

Têve, pois, muitos e bons poétas êste pequeno país.

A tódos, porém, sobreleva Camões, pêla relativa perfeição artística da sua obra, pêla grandêza da sua alma ardente e devaneadora, e pelo acrisolado patriotismo que repassou o seu poema.

Nunca se fêz um poêma tão nacional e tão patriótico, como os *Lusíadas* A *Iliada* e a *Eneida* são prejudicadas pela fábula; a *Divina Comédia* é uma fantasia immortal, mas uma fantasia; a *Gierusalemme*, e o *Orlando*, e o *Paradise lost*, e a *Messíada*, absorvem-se no misticismo, ou na contemplação de proêzas de estranhos, a *Henriade* representa uma hora de ócio de um filósofo demolidôr; o *Fausto* é um problema em verso. Só os *Lusíadas* são a incarnação brilhante do espírito da pátria, da aspiração nacional, das glórias de um pôvo, que morreu desconhecido e desprezado, mas que sendo dos mais pequenos do mundo, soubera tomar as proporções do maior pôvo do velho continente.

Seguidamente ao brado patriótico dos *Lusiadas*, o país perdeu por sessenta annos a sua autonomia; e, por tal fórma se habituou á dependência, que proscreeu a musa do patriotismo; como se os cantos livres da pátria fossem uma banalidade rãncida e piegas. A musa nacional deu-se depois ao inoffensivo labôr de reconstituir a Arcádia, mas povoada de pastôres, que, em vêz da *agresta avena* ou *frauta rude*, tangiam a lira, um instrumento célebre, de que ainda não pude descobrir vestígios.

Quando a vóz dos poetas já não chegava aos ouvidos de ninguém, a musa desgrenhou-se compungida, nevrótica, fantástica, e deu-se a fazêr balladas e trênos e melopeias côm acompanhamento de piano. Estêve a ponto de morrer de clorose, mas foi restabelecêr-se no campo: e de tal maneira se affeiçoou ás coisas da naturêza, que passou a cantar a cenoura e a couve gallêga, comprazendo-se, aos serões, em estudar a filosofia de Epicuro. A linguagem da poesia, quando não era síbillina, como nos poemas de Rosalino, era, como nos poemas de Rosalino era, como nos poemas de Jaime José, tão natural que parecia prosa, mas prosa

sem normas, em que o sublime era grotesco, e em que o simples e o natural era o sôro chilro de miolos sem vida.

Das collecções de Reliquiano, separo um fragmento poético, para que melhor entrevejas a índole e a linguagem da poesia da decadência. Lê, e arquiva, que vale a pena:

Quando ólhas para mim, lirio do val',  
 esvai-se-me a razão, foge-me o estilo,  
 pois vejo nos teus olhos, tal e qual,  
 com licença do clássico Camillo,  
 duas...—não queiras levar isto a mal!—  
 duas cabêças rútilas de grilo;  
 e juro-te que tenho em ti mais fé,  
 do que no próprio Comte ou no Littré.

Tu és o meu ideal em carne e ôsso,  
 e, quando te não vejo, alva Anfitrite,  
 dou o cavaco, foge-me o apetite,  
 e fico tôdo o dia sem almôço.  
 Que bellos frângams tinha o Mata, um dia,  
 em que almocei na tua companhia!

Pois os espargos?! não te lembras, filha?  
 Hei-ae levar-te um leque de Sevilha  
 e cerejas da praça da Figueira,  
 se voltares ao Mata, quinta feira.  
 Não te esqueças, amôr, leva a mantilha.

E's um *bijou* com ella;  
e quero vêr se ainda hõje falo  
ao Rafael Bordalo,  
para fazêr de ti uma aguarela!

Tenho-me espraído muito sôbre literatura, e ainda te não disse tudo o que tinha para dizêr-te. Outro dia falaremos.

Recebe o meu ósculo de saudação.



## CARTA VII

**A história. — O romance. — O teatro. — Garrett, e Emilia.**

*Sapientíssimo mestre.*— Já comprehendêste que a poesia da decadência, em Portugal, tinha alguma coisa de planta exótica, transplantada para vaso camareiro, em horto de tasca.

Pois as letras de outros gêneros, a não sêrem as do câmbio, não eram melhór tratadas.

A história, ou não existia, ou, para têr leitôres, dilluía-se em contos de fadas, com que se embalavam as crianças e se acalentava o patriotismo dos velhos. Quando um

investigadôr sisudo, Herculano, se lembrou de fazêr história a sério, parou a meio da emprêsa, porque viu que estava em terra de gétas e que os portuguezes preferiam á historia o conto.

E tão preferido era êste, que quasi tôdos os literatos faziam profissão de contistas ou romancistas.

Segundo as diversas influências do tempo, o romance variou de escolas e processos. Um dia, era a *Menina e Moça*, levada de casa de seus pais, e baldadamente procurada em montes e valles pelo seu pastôr afflito e amante; de outra vez era o *Feliz independente do mundo e da fortuna*, gisando filosofias á láia de Horácio...

*Felix ille qui, procul negotiis,  
Ut prisca gens mortalium,  
Paterna rura bobus exercet suis,  
Solutus omni foenore.*

Aqui, era a *Filha do brasileiro*, golfando o sangue dos pulmões sôbre illusões perdidas; cheia de incomprehendidas amargaras; rasgada pelos espinhos da saudade, e obrigando a lágrimas as meninas sentimentais e as viúvas novas; ali eram as *Scenas de hôte*, em que o autôr, dispensando-se de

estudar a sociedade no seu conjunto moral e social, e sem se preocupar da bellêza real, nem ainda da bellêza ideal apostolada pela filosofia da arte, devassava os monturos e os hospitais de leprosos, para só registrar o asqueroso e o ignóbil, brindando a prevertida sensibilidade do público com o desenho grotesco das mais tôrpes e hediondas aberrações da Vida.

Segundo se depreheende da collecção da *Revista Nêgra*, redigida pelo crítico Sampaio Pires, que morreu em 1925 ou 1926, os quadros dissolventes do romance predilecto, para que melhór atraíssem a attenção e a leitura do mundo feminino, vulgarizavam-se em luxuosas edições, acompanhadas de estampas *d'après nature*, e adornadas, em lêtras versais, com o título geral de *Leitura para homens, Biblioteca secreta*, etc.; e o Estado, pela sua indiferença ou tácita aprovação, protegia essa indústria, que se lhe recommendava por sêr verdadeiramente nacional.

Infere-se da citada revista que a dissolução literária, lisongeando a dissolução social, não se restringia ao romance, e reflectia-se no teatro e no jornalismo; e conta

Sampaio Pires que o mais aplaudido dramaturgo, nos princípios do século XX, era Bernardo Supino. Este autôr não se limitava, como os seus antecessôres do século XIX, a descrevêr os escândalos picantes, reais ou imaginários, de uma sociedade decadente, e a disfarçar mal a obscenidade soêz com um trocadilho de mau gosto ou com uma frase cheia de reticências. Bernardo Supino ia mais longe: alarvemente convencido de que a literatura deve correspondêr ao meio social, levou para o palco, dando-lhes o tom das mais cruas realidades, as agências de Vênus; o commércio das rameiras; incestos aristocráticos, extraídos da crônica das classes mais elevadas; estupros inacreditáveis, fielmente transladados da vida prática dos burguêses e peões; maridos filósofos, que apreciavam a consorte, na proporção dos lucros que ella auferia das suas aventuras galantes.

Dentre as comédias de Bernardo Supino, cita a *Revista Nêgra* uma, que têve extraordinário êxito, representando-se quinhentas vêzes successivamente, e que enriqueceu a emprêsa do *Teatro Aéreo*, construído, segundo parece, a meio de um grande via-

ducto que passava sôbre a *Avenida da Liberdade*. Chamava se a comédia o *Nôvo Paraíso*; e o protagonista, Adão Júnior, fielmente caracterizado á similhaça do Adão Sênior da lenda biblica, exhibia-se em scena, muito naturalmente, sem peccados, sem fôlha de parra, sem nada. A ingênua, Eva Lusa, trajava unicamente a sua longa trança flutuante, e demonstrava, com a mais atraente convicção, que o fruto prohibido não passava de uma lenda. O scenário do último acto representava uma alcôva, em que os habitantes do paraíso devassavam ardentemente os mistérios da criação.

E o Padre Eterno, representado por um administradôr de bairro, trêmulo de solemnidade, abençoava o nôvo tronco de nova progênie, deixando escoar dos cílios uma lágrima eloquente de ternura paradisiaca.

E o entusiasmo apossava-se dos espectadores. Os velhos choravam de alegria agitavam-se febrilmente nas cadeiras, e distendiam as pupillas incendidas, para vêr, vêr muito, vêr tudo. As meninas consultavam as mamans e absorviam-se em profundas meditações, em planos de uma ventura des-

medida. E os novos irrompiam em aplausos delirantes, arremessavam á alcôva luvas, chapéus e binóculos, e arremessavam-se depois êlles próprios, abraçando doidamente os protagonistas, na maior das confusões, num *pele-mele* infernal, em que já ninguém distinguia Adão e tôdos distinguiam Eva. A ovação convertia-se numa luta, o pano caía, a luz afroixava, e os espectadôres resignavam-se a deixar por 24 horas as cadeiras do teatro, e iam dessendentar-se nas próximas locandas.

O público fizera o teatro, e o teatro satisfazia o público.

Os moralistas caturras, os Larragas de tôdos os tempos, pré-gavam furiosamente contra a desmoralização dramática, e, á noite, por distracção, iam vêr o *Paraíso* no *Teatro Aéreo*.

As autoridades, desde a polícia até ao prefeito da cidade, assistiam ao espectáculo e não tinham observações que fizessem.

Os govêrnos, fieis mantenedôres da pureza dos costumes, sustentavam um teatro-modêlo, destinado a fomentar a boa literatura nacional e a educação pelo drama; mas as emprêsas não se inventaram para fo-

mentar o interesse alheio, e muito menos os interesses morais de uma sociedade qualquer; donde se conclue que avisadamente andaram as emprêsas, que preferiam, por economia, as peças estrangeiras, e se dispensavam de estimular a literatura do país.

Entretanto, o teatro-modêlo tinha a coragem de se desviar um pouco da escôla do tempo, mas a coragem obrigou-o a reconsiderações, porque os dramas e as chamadas *comédias de sala* faziam-lhe adormecêr os espectadores nas bancadas, e estêve a ponto de ser abandonado, se não entrasse na esteira dos confrades, dando larga extracção ao gênero burlesco das *revistas do anno* e á literatura picante das comédias bocacianas, ou das operêtas hispanholas.

E foi isso o que salvou a emprêsa, mas não salvou a arte. A arte resvalou pelo pendôr enlameado das scenas eróticas; e os bustos de Garrett e Emilia, — dois nomes gloriosos na história do teatro, — descobri-os hontem, cobertos de pó e de vergonha, de invôlta com fragmentos de loiça e de estatuêtas, no sitio onde existiu um mercado originalíssimo, a *Feira da Ladra*.

As minhas explorações concentram-se

agora nêste mercado, e dar-te-ei conta do  
que mais importante se me deparar ali.

Abraço-te com effusão.



## CARTA VIII

A Feira da Ladra.—Fac-símile de uma gazêta.—O artigo de «fundo».—O noticiário.—O anúncio.

*Mestre.*—Referi-me anteriormente, e de passagem, ao célebre mercado, a *Feira da Ladra*, onde se me havia deparado o busto de Garret, de invólta com fragmentos de estatuêtas e utensílios da vélha cerâmica.

Consultei as memórias de Reliquiano, para, de alguma fórma, ajuizares o que era a *Feira*, e encontrei, dispersos por várias crónicas, excerptos de uma apologia, attribuida a um fabulista do século XIX, O'Neill.

Aproximando e reunindo esses excerptos, parece-me que terei pintado a *Feira*, sem urgência de palêta.

## Era isto a *Feira*:

Aqui a imagem, venerada outr'ora  
Por milagrosa . . . .

.....  
Ali, retratos, que os avós preclaros  
A netos imbecis mal recordavam.

.....  
Além, bojudo calhamaço insulso,  
Obra de frade, forjadôr de petas.

.....  
Mais longe vejo colossais volumes:  
São leis, decretos, alvarás, *Diarios*.

.....  
Vejo novellas mil, por fóra immundas,  
Mais immundas por dentro, traduzidas  
Em chulo português de francês chôcho.

.....  
Collecções de jornais... ai, meus peccados!  
Em que eu ia falar; cala-te bocal  
..... Agora vejo  
Arcas de pinho dos boçais gallegos

.....  
Mais longe está o batalhão cerrado  
De quanto já calçou pés delicados,  
Desformes patas, um museu completo!

.....  
Armas não faltam, mais ou menos virgens.  
.....

Ociôso é dizêr que, de tôdo êsse pandemônio, só restam, para o visitante e para o exploradôr, fragmentos de estatuêtas e loiças, tachos de fêrro, bacias de arame, chaves e fechaduras, terraduras e arreios, e outros objectos de metal. Entre êstes, depa-rou-se-me uma lâmina, que tenho estudado com muita curiosidade, porque equivale a um largo e minuciôso capítulo da história portugallense.

E' uma inscriçãõ, gravada em cobre, e que constituía certamente uma vistosa *tabuleta*, para decorar a frontaria de uma *casa de redacção*.

A inscriçãõ abrange três divisões: duas laterais e uma central; aquellas são o fac-símile da primeira e segunda página da *Opinião da Arcada*, diário político, noticiôso e industrial; e a parte central réza assim, em grandes caractêres:

NESTA CASA SE FUNDOU  
EM 1895  
A OPINIÃO DA ARCADE,  
A MAIOR E A MAIS POPULAR GAZÊTA  
DAS REGIÕES OCCIDENTAIS.  
TIRAGEM 365:000 EXEMPLARES.  
REDACTOR— CESAR FERNANDES,  
1895.

O fac-símile da segunda página representa a parte annunciatória do jornal, donde se infere que a terceira e a quarta página seriam análogas áquella; e o fac-símile da primeira exhibe o título do jornal, o nôme do redactôr e da Emprêsa, e numerosos assuntos, distribuidos por 15 colunas.

Politicamente, vê-se que a *Opinião da Arcada* estava sempre na opposição, porque, falando sempre mal de tudo e de tôdos, é que adquiriu a mais extraordinária popularidade e o maior prestígio no ânimo de tôdos os govêrnos.

No primeiro artigo do fac-símile, há cruêzas dêste calibre :

--«Desengane-se o govêrno: emquanto não restituir á fazenda os déz mil e quinhentos contos que roubou aos contribuintes e distribuiu pelo compadre Nunes e pelo afilhado Lopes, havemos de dizêr bem alto que o ministério é uma quadrilha de ladrões, e havemos de esgotar todos os nossos tinteiros, cobrindo de negra ignomínia a lama em que os miseraveis se a atolam.»

Mais adiante, a penna do noticiarista conta-nos :

—«Veio hoje ao nosso escritório Josefa Simeôa, uma galante rapariga de 18 annos, padeira, queixar-se de que

o seu namorado, num momento de despeito, a ferira com uma tesoura na côxa esquerda.

Vimos o ferimento: é um golpe de 2 centímetros de comprimento e 1 de profundidade. Compungia-nos o contraste do sangue com a alvura da pelle, que é de uma maciêza veludínea. A côxa direita estava perfeitamente incólume. O sangue havia espirrado para a tîmbria da camisa, maculando-a. As meias, que eram de finissimo algodão, não offereciam nada de notável. Fomos vêr depois o instrumento do crime: é uma tesoura pequena e barata, tendo ainda numa das fôlhas uma nodoazinha de sangue. Pedimos tôdo o rigôr da lei para o criminoso, e sentimos o desgôsto da pobre Simeôa, que é realmente de uma condescêndencia amabilíssima, e de uma formosura tentadôra.»—

A *Opinião* fornecia aos seus 365:000 leitores, de tôdos os sexos e de tôdas as idades, minuciosas informações sôbre os factos ainda os mais insignificantes. Parece que a *vida particular* deixára de existir, porque entrava no domínio público tudo o que hõje considerâmos íntimo, e defêso á curiosidade pública. No fac-símile da primeira pagina lê-se, por exemplo:

—«Quando hontem subíamos ao 5.º andar do prédio n.º 229 da rua do Conselheiro Aoaoci, áacnde íamos levar as nossas consolações a uma pobre menina que chegou da provincia e ainda não tem collocação, percebe-

mos que havia altercação entre os habitantes do 4.º andar; e, na nossa qualidade de *reporter* da *Opinião*, foi-nos facultada a entrada, e percebemos então que o sr. major reformado Silvestre Silvano discutia com sua esposa o orçamento doméstico. Tôda a razão estava do lado do sr. major, porque já tinha *empenhado* a cama por 4\$000 réis, não vestia camisa lavada há 15 dias, não tinha sapatos para sair á rua, e negava-se a *empenhar* a espada, para que a esposa fôsse vêr os elefantes do circo.»

Em assuntos industriais, cito-te apenas um exemplo. Em discussão com um collega, dizia a *Opinião*:

—«Accusa-nos a *Voç da Baixa* de que deixámos de agredir violentamente a nova Companhia do Guano, desde que a direcção desta companhia nos brindou com duas mil acções beneficiárias. Não tem de que accusar-nos: a companhia procedeu nobremente, esquecendo nocivos resentimentos, para têr ao seu lado um defensor convicto; e nós convencémo-nos a final de que é devêr de tôdos auxiliar qualquér indústria destinada a fomentar a riqueza pública.»—

A parte annunciatória da *Opinião* offerece curiosidades, que o nosso critério estranha hoje, mas que eram factos vulgaríssimos da vida portugêsa.

Um annúncio:

—«Barnabé Catão da Silva, directôr geral dos descaminhos e contrabandos, prontifica-se, por módico preço, a obtêr o logar do tesoireiro das décimas para quem tenha boa fórmula de letra e conheça as quatro operações, satisfazendo o mais que se combinar.»—

### Outro :

—«O lavradôr do casal das Pintas, que dispôi de 4 votos e possui os melhores porcos do Alentejo, dará 3 contos em dinheiro ao sr. deputado ou a qualquer influente, que lhe consiga o título de marquêz das ditas Pintas.»—

Outro ainda, em caractéres maiores, no alto da coluna 12.<sup>a</sup>:

—«Previne-se o sr. ministro das justiças de que, se não nomeia Miguel dos Anjos para o logar de escrivão dos orfams, publicaremos integralmente a cartinha desencaminhada que o ministro escreveu á sr.<sup>a</sup> condêssa dos Açudes, e na qual elle promettia tratar immediatamente de se divorciar de sua mulher, para consagrar o resto dos seus dias á incantadôra condessa.»—

### Mais ainda :

—«Meu bem. Teu pai oppôi-se, mas vamos vencêr tudo. Está pois combinado: ámanhan, ás 2 da madrugada um trem há de parar á tua porta. Não te digo mais. Como seremos felizes!»—

Ainda outro :

—«Uma senhõra muito decente, de 21 annos, e possuidõra de tôdas as prendas, offerece-se para governante de homem só, solteiro, nôvo, que esteja em bõa posição e dê boas abonações. Carta a P. P.

Não tenho espaço para reproduzir tôdo o fac-símile, nem vale a pena. Isto, meu grande amigo, não é o fac-símile de um jornal, é o fac-símile de uma época, e por isso o recommendo aos teus estudos de filosofia da história.

Os demáis objectos, que observei nas ruínas da *Feira da Ladra*, pouco interessam á arqueologia. Há entretanto uns restos de portão, de ferro fundido, conservando sobrepostos um tinteiro, um livro e uma ave nocturna, tudo do mesmo metal. Provavelmente são vestigios dos tempos simbólicos. Vou estudar o assunto, e ainda te escreverei, antes do solstício do verão.



## CARTA IX

**O môcho simbólico.—Portugal e a Turquia perante a  
instrucção.—O professor mendigo.—52 reformas em  
47 annos.—Os reformadores.—Baflo universitário.**

*Mestre e amigo*—Effectivamente, o pedaço de ferro fundido, representando um tinteiro, um livro e uma ave, era um símbolo. Assim o affirma Reliquiano, que é autoridade incontrovertível.

Sôbre a espécie da ave, occorreram-me dúvidas graves, porque, cotejando a figura com os vestígios análogos da fauna fóssil da península hispânica, e sendo aquêlle documento um símbolo do *estudo*, cheguei a persuadir-me de que se tratava de um papagaio, porque o *estudo* em Portugal tinha

geralmente, como resultante, a faculdade de falar, sem necessidade de pensar. Mas por fim, melhor orientado, intendo que o simbólico passarão era uma ave de rapina, não só pela configuração do bico, mas também porque, nos últimos tempos da nacionalidade portuguesa, as aves predominantes eram as aves de rapina.

Mas o que mais importa á crítica histórica é a síntese das ideias que o símbolo representava.

\*

O *estudo* existia e recommendava-se em Portugal, como prenda galante de gentes ociosas, e como meio de conquistar os logares menos rendosos. As sinecuras, as prebendas, as fontes de pingues proventos, isso era partilhado entre os que, á falta de letras, tinham por ascensôres o patronato e a audácia.

Havia aqui três categorias de estudo: *primário, secundário e superior*.

Para o estudo primário, chegou a havêr em Portugal perto de seis mil escolas públicas. Entretanto, e ainda que se decretou o ensino obrigatório, apenas sabia lêr uma

parte insignificante da população. Numa Exposição Universal, que houve em Vienna de Áustria, quasi no último quartel do seculo XIX, provou-se que Portugal, em assuntos de instrucção, estava a par da Turquia e da Rússia, que eram por aquêlle tempo as nações europeias menos civilizadas.

—Que faziam então os sêis mil mestres de ensino primário?—perguntarás tu.

Davam palmatoadas e pediam esmola. Primitivamente a esmola era-lhes dada pelo Estado, a título de retribuição. Depois, ergueu-se a bandeira seductôra da descentralização, e os municípios foram encarregados de esmolar os professôres; mas, como os municípios também eram pobres, e como a caridade bem ordenada não sai de casa, os professôres sentaram-se á porta das escolas, estendendo a mão á caridade particular.

A caridade official, ao mesmo tempo, exercia-se profusamente, esmolando com avultados premios os poldros que mais corrêsem nos hipódromos, e distribuindo muitos contos de reis pelos comediantes aposentados, que ainda pudessem trabalhar. Os

poldros premiados significavam que o seu criador tinha excellentes éguas para seu uso; e a aposentação dos commediantes em serviço activo representava o sacerdócio da arte, que atirou o busto de Garrett para a *Feira da Ladra*.

\*

A instrucção secundária, não posso dizer-te claramente o que isto era, porque nunca têve uma organização definida. Nas colleccões de Reliquiano, há um índice da legislação da instrucção pública em Portugal, e por aí vejo que, desde 1863 até 1910, houve cinquenta e duas reformas do ensino secundário, não falando naquellas que não chegaram a executar-se, por absoluta inexecuibilidade.

Imagina como se desenvolveria o ensino secundário! Uns dos reformadôres eram rotineiros, quasi imbecis, e punham o latim á esquerda e á direita, atrás e adiante de cada uma das demais disciplinas, obrigando até os alunos de matemática a resolvêrem em latim as equações trigonométricas. Outros eram filósofos utopistas e exigiam meninos sábios, que aos dez annos soubessem fisio-

logia, química, paleontologia, e outras sciencias vistosas, que o legislador conhecia perfeitamente, por lhes têr visto o título nuns catálogos transrenanos. Havia tal, que mandava estudar os preliminares de uma sciencia um anno depois de estudada a mesma sciencia. Outro pretendia que todos soubessem desenhar, ainda aquêlles que nascêsem sem braços. Outro mandava estudar as línguas estranhas no primeiro anno do curso, e a lingua nacional no último anno. Outro... Não te conto mais, porque teria o direito de duvidar de quanto eu te dissesse a êste respeito. E, contudo, juro pelo teu nôme, que nada há mais autêntico!

\*

Do ensino superiôr, o exemplar mais completo era a universidade coimbran. Este instituto, quanto a reformas, seguiu destino oppôsto ao do ensino secundário: enquanto êste sofria cincoenta e duas reformas em 47 annos, a universidade, abordada a uns estatutos do tempo da inquisição e dos frades, arrastava immutavelmente a sua majestosa decrepitude por

tôdo o século XIX, e apresentava ao século XX, intacta, a sciencia fossilizada do padre Vernei e de outros acólitos do marquêz de Pombal. Na universidade, ás ideias correspondia a fórma: professôres e alunos trajavam de monges; os delinquentes eram julgados em tribunal secreto, sem direito de defêsa; os livros eram do século VI, do tempo de Justiniano; e o Estado gastava ali boa parte da receita pública, mantendo, com fóros de sciencia universitária, a sciencia dos mistérios e dos dogmas,—a teologia.

Compara êste quadro antigo com a Universidade Central, e congratula-te, homem do presente.

Até muito breve.

## CARTA X

**Feitos de Emilio, o «Brando».—Imperio dos nefelibatas.—O rapé e a salvação da pátria.—A balança da justiça.—Legisladores aos pés de João de Deus.—A sociedade portugêsa: espiritistas, filólogos, dentistas e salvadores.—A fôlha de parra.**

*Mestre amigo.*—O equinócio do outono annunciou-se aqui com tão copiosos aguaceiros, que sou forçado a interrompêr as minhas investigações ao ar livre.

Entrementes, e enquanto a nortada açoita os panais da minha tenda, vou-me recreando e instruindo, ao decifrar com Reliquiano algumas das suas mais curiosas crónicas e lendas.

A' mingua de mais levantado assunto,

falar-te-ei de uma ou duas dessas crônicas.

A que neste momento se abre diante de mim não tem data, mas foi impressa numa chamada *tipografia do Varatojo*, e é acompanhada de desenhos simbólicos e figuras de devoção.

O título réza assim:

**Piedosa crónica**  
*dos feitos, virtudes e gloriosas manhas*  
*de Emilio, o Justo,*  
*também cognominado o Brando,*  
*senhôr de baração e cutelo*  
*em terras lusas,*  
*pelo seu admiradôr e familiar*  
*Francisco Acólito*

O título não se impõe nimamente ao interesse dos homens de hoje; mas, quando se nos depara a biografia de um herói antigo, escrita por um contemporâneo do biografado, a crítica, descontando o que haja de adulação, tem seguros elementos para a reconstituição histórica de uma individualidade célebre.

Li por isso a crónica, e da leitura me não arrependo.



\*

O protagonista da lenda, consoante o indicam as expressões *baraço e cutelo*, foi senhôr de grande valia, governadôr ou cónsul, no país lusitano, ou em parte d'elle.

A sua ascensão ao fastígio do podêr fôra precedida de grandes sinais e vaticínios.

Predominava naquêlles tempos uma seita, interamente desconhecida nos tempos anteriôres.

Era a seita dos *nefelibatas*.

E' difficil reconstruir hõje com exactidão a história da seita, os seus princípios e os seus dogmas. Parece porém que herdára alguma coisa do budismo asiático. Os seus adeptos entregavam-se a misteriosas contemplações, e, nos momentos de êxtase, pairavam em espirito sôbre as nuvens do Tejo e de Cacilhas. . .

Quando a pátria se afundava nos tremedais da depravação e da anarquia, chamou de Cacilhas Emilio-o-Justo, para que sustivesse a onda turva, que alagava a Baixa e o cavallo de bronze.

E, quando o bote de Emilio-o-Justo, também cognominado o *Brando*, abicou ao So-

dré, o povo levantou-lhe hosanas, as damas acenaram das janelas, e as multidões da Arcada acclamaram-no príncipe dos nefelibatas.

E Emilio-o-Brando, a cada saudação, destapava um pequenino cofre de oiro, cujo conteúdo era um pó medicinal, que fazia espirrar quem o cheirava.

Naquêlles tempos, fazêr espirrar alguém era testemunhar-lhe amizade e justiça.

E a cada espirro de cada cidadão, Emilio-o-Justo dizia sorridente:—Viva!—

E tôdos os cidadãos, assoando-se entusiasmados, conclamavam:—Viva o Justo!—

E, quando o príncipe dos nefelibatas se sentou na sua cadeira de administradôr do direito e de dispenseiro da justiça, as leis empoeiradas e carcomidas que o ladeavam, sentiram um estremecimento de júbilo: iam ser limpas, arejadas, e cunpridas como se fazia mistér.

E os litigantes chegaram em cardume.

E disseram:-lhe:

—Salvè, Justo e Brando! O *Apocalipse* annunciou a tua vinda. Tu és íntegro, como um poldro, e bom como um melão! Salvè!—

Horas depois, annunciada a audiência primeira, chegou o primeiro petiçãoário, Páulo.

Trazia escrituras e pergaminhos em bar-da, a attestarem seu direito. Servira honrada e largamente o país, sem uma nódoa e sem desprimôr. Fôra atropelado a cada passo pêlos mimosos da fortuna e pêlos concussionários do podêr. Trazia as sandálias corroídas pela aspereza dos caminhos. Acercou-se do príncipe, e disse-lhe apenas: —Justiça!—

Emilio-o-Justo abraçou-o commovido, e, entre lágrimas:

—A justiça não se pede,—disse;—justiça é devêr, e eu vou pagar o que o país te deve.—

E, destapando o pequenino cofre de oiro, acrescentou:

—Cheira, amigo.

Páulo curvou-se, e foi annunciar aos filhos que no outro dia teriam pão.

Mas, ao lavrar da sentença, Francisco Acólito, biógrafo do príncipe, obtemperou:

—Se fizerdes Páulo escrivão das sisas, agravado será o pretendente Bernardo.

—Falai vós da justiça de Bernardo,—  
ordenou o príncipe.

—E' meu amigo, senhôr!

—E que mais?

—Dá-me pulimento nos sapatos, e prepara excellentemente torradas com manteiga.

—E em funções públicas de que é capaz?

—Póde pautar o almasso em que se lavram decretos, e corrêr o reposteiro de Vossa Serenidade.

—Sabe lêr? sabe escrevêr?

—Um pouco, senhôr; o bastante... Lêde o seu memorial.—

E Emilio-o-Justo leu:

Selentissimo Senhor. Diz Vernardo Candeias Lebre que é seu desejo assubir a escrivão das cizas, pró que tem todas as avelidades nesseçarias.

E. R. M.

—Tendes razão, Francisco,—concluiu o príncipe;—nomeie-se o Bernardo.—

E o Bernardo foi nomeado.

Este factó, de que não póde havêr dúvida, em vista da autoridade do biógrafo, é tema de muitas páginas laudatórias, na bio-

grafia de Emilio-o-Brando, como documento de inexcedível bondade e nunca igualável justiça.

\*

Não desejava eu avolumar excessivamente esta carta com assuntos de limitado interesse; mas o ócio desculpa-me, e o prazer de contigo conversar absolve-me.

Falar-te-ei pois ainda de um curioso folículo de Reliquiano. Intitula-se *Memórias de um pedagogo*, e é attribuído a um poeta do século XIX, que parece chamar-se João Dedeus, ou coisa assim.

Traduzirei apenas algumas linhas:

—«E' inquestionável a excellencia do meu método, sobretudo pela rapidez, com que os analfabetos passam a homens letrados. Basta-me registrar um facto:

Em vésperas de eleições politicas, é vulgar procurarem-me pessoas gradas, que desejam iniciar-se nos mistérios do escrita e da leitura. Por via de regra, essas pessoas são candidatos a deputados, e, quando recebem o seu diploma, ja o sabem lêr correctamente.

De um sei eu dizêr que, tendo saído eleito antes de sabêr lêr, me apresentou o seu diploma, para começar por ali os seus exercícos de leitura. Certo é que, quatro dias depois, falava nas côrtes, era um dos legisladôres mais celebrados, e no anno seguinte estava ministro.

E, como êste, muitos casos, que por brevidade omito.»—

\*

Já agora, não farei ponto na epístola de hõje, sem te dar conta de um dos mais interessantes documentos da livraria arqueológica de Reliquiano, documento religiosamente conservado num cofre de cédro, graças ao prestígio, de que certamente gozou o nôme de quem escreveu o precioso trabalho.

A obra, escrita no idioma luso-franco-anglo-russo, remonta ao primeiro ou segundo quartél do século XX, e foi escrita, sob o título de *História filosófica da decadência portugêsa*, por um filósofo coimbrão, Simpliciano Cozêlhas, desterrado na Sibéria.

Fastidioso e longo seria, se não impossível, dar-te miúda relação dos factos registados por Cozêlhas, e da filosofia com que os glósa.

Referir-me-ei simplesmente ao que de mais notável, ou de mais curioso, se me depara na *História filosófica*.

\*

Refere Simpliciano que, assim como em

tempos remotíssimos houvera brâhmanes e sudras, espartanos e ilotas, patricios e plebeus, a sociedade portugêsa, em homenagem aos seus avoengos da India, Grécia e Roma, dividia-se, nos seus ultimos tempos, em duas classes: *ovêlhas* e *pastôres*.

A classe dos *pastôres* subdividia-se em quatro numerosas famílias: *espiritistas*, *filólogos*, *dentistas* e *salvadôres*.

Eu te explico.

\*

Os *espiritistas*, á semilhança do dualismo persa de Ahriman e Ormuzd, reconheciam como dêuses supremos Mesmer e Allan Kardec.

Celebravam os seus mistérios á volta da tábua redonda dos cavalleiros do rei Artur, consultavam as almas que vagueavam pêlos céus de Ptolomeu, desprendiam-se dos interesses mundanos, e prégavam a inaniidade da matéria em face de grandêza e da majestade do espírito.

Pertencia a esta família a seita dos *nefelibatas*, que faziam amôr, política e literatura na serena e despedida região dos espí-

ritos, por sôbre as nuvens que se recortam na direcção da via láctea.

Por um desdobramento de faculdades visionistas, os *espiritistas*, sem aliás perdêrem a sua individualidade metafísica, produziram uma segunda família, a dos *filólogos*.

\*

Segundo os estudos frenológicos de sábios russos, alguns crâneos filológicos, guardados no museu do Krenlim, ostentavam depressões, denunciadôras de uma especial estrutura encefálica.

O filólogo português, em obediência ao credo espiritista, procurava a convivência dos mortos, estudava-lhes a linguagem, e subordinava a um sistema único tôdas as velhas línguas do universo. Os próprios mortos espantavam-se da audácia do filólogo, e vingavam-se, convertendo-lhe as noites em pesadêlos horriveis: Homero apparecia-lhe então, mascarado de advérbio, Virgílio tomava a figura de uma vírgula, Shakespeare encaracolava-se numa interjeição, e Juvenal, disfarçado em accento agudo, beliscava as orêlhas do *filólogo*.



Nêste convívio com os mortos, o filólogo detestava os vivos, como ignorantes, materialistas e desrespeitados do verbo dos espíritos; e atirava-lhes trópos e conjunções e anátemas.

Na contemplação dos espíritos e de si próprio, o filólogo comprazia-se na solidão; e quando, raramente, apparecia em público, perseguia-o a váia do rapazio estúrdio: —Agarra, que é *filólogo*! Carrega-lhe os trópos! Conjuga-lhe as orêlhas! Dá-lhe barrela!—

E o *filólogo*, corrido e traquejado, sumia-se.

As academias médicas discutiram largamente se a filologite seria caso patológico. Um alienista célebre sustentou que a filologite era quasi sempre o prenúncio do *delirium tremens*, e exhibiu um admirável exemplar, que, abanando as orêlhas, fazia cair uma chuva de dialectos.

Não se propagou muito a família dos *filólogos*; pois que, demonstrado o carácter contagioso e hidrofóbico da filologite, foram apanhados a laço os exemplares mais notórios, e hospitalados no ermitério da Arrábida.

Por noite vèlha, quando a lua irrompia detrás das ruínas setubalêsas, pelas chapadas da Arrábida reboavam lamentações e salmos. Viandantes, tranzidos de susto, julgavam ouvir gritos e blasfêmias de alma penada, e, na vertigem da fuga, precipitavam-se no Sado. Asseguravam outros que tudo aquillo eram latidos de cães silvestres, uivando ao luar.

Daquêlles tempos nada resta hõje onde foi a Arrábida. Pude observar apenas os vestígios da canalização dos dejectos hospitalares, construída com ardosias, pacientemente lavradas pelos filólogos. Uma dellas, expungida a crusta de secreções petrificadas, permittiu-me vêr, entre arabescos romano - celto - germanico - mirandêzes, um substantivo neutro abraçado a um verbo passivo, sobrepostos nesta legenda: — *A' glória de Zé Filólogo, patriarca da Arrábida.*—

Foi curta e obscura a história daquella familia.

\*

Mais positiva, mais alegre e mais prolífica, a familia dos *dentistas*, bem recebida

em toda a parte, foi todavia uma das causas mais determinantes da decadência portugêsa.

Do século XVI ao século XX, operou-se uma transformação extraordinária na fisiologia portuguesa.

Um pernicioso invento de Philippe Nicot levára a sociedade a absorvêr habitualmente fumo de tabaco, que, entre outros effeitos, tinha o de enegrecêr os dentes, fomentar-lhes a cárcoma, e abreviar a vida dentária.

A esta circumstancia cresceu o hábito que muita gente tinha, á similhaça dos filólogos, de mordêr nas pedras.

Eram por isso vulgarissimos os dentes sujos e ruíns, e as maxilas desdentadas.

D'aí graves embaraços para a vida orgânica, que, pela deficiente trituração dos alimentos, começou a elanguescêr e a decaír, como árvore desfrondada pelo temporal.

Nesta conjuntura, foi-se organizando a família dos *dentistas*, que se apresentaram como conservadôres e restauradôres da belleza e saúde dentária, e, portanto, como vivificadôres do organismo portugualense.

Uns apregoavam a creosote contra dôres de dentes e moscas varejas; outros inventavam os *pós da viscondessa* e o *elixir dos beneditimos*; êstes fabricavam dentaduras á custa de vélhos esqueletos e da generosidade dos coveiros; outros rebocavam com chumbo os caninos carcomidos; e outros, ainda, percorriam as feiras, os parlamentos e os comícios, tirando dentes sem dôr.

De tão simpática e tentadôra indústria resultou apenas o agravamento do mal.

Por um lado, os pós, os elixires e a creosote, e por outro a baratêza e a satisfação com que se extraíam dentes, punham a descoberto os alvéolos de tôda a gente, dando-se o caso de que as últimas gerações portugalenses se desdentaram antes dos dezoito annos.

Imagina como seriam laboriosas as digestões dos pratos de resistêcia, nos bufêtes do *Teatro Aéreo*, ou a deglutição dos chifres, com que o Estado alimentava o funcionalismo. As conpleições depauperavam-se prematuramente, a mocidade tornou-se uma lenda, e quem chegava aos trinta annos attingia a decrepitude.

\*

Como consequencia natural, a debilidade orgânica arrastava consigo a debilidade moral, intellectual e estética.

O trabalho deixou de sêr um devêr e tornou-se sacrificio; o roubo converteu se numa indústria, tacitamente permittida pelas lêis; e a luta pêla vida, cerrando-se pêla victória do mais forte, tornou a miséria um factô geral.

Os estranhos, menos decadentes, ou mais audazes, não reconheciam as fronteiras portugaleses, e levaram o que de melhor se lhes deparava no país, deixando-lhe alguns pedaços de pão bolorento, cordas de viola e violas em sacos.

Como as épocas mais calamitosas de tôdos os povos foram sempre acompanhadas da esperanza num messias redentôr, os profetas sebastianistas haviam annuciado em Portugal que dos nevoeiros da sociedade surgiriam libertadôres heróicos.

A' sombra das profecias, surgiu no século XVII a seita dos *falsos sebastiões*; e nos principios do século XX, ou fins do século XIX, formou-se a familia dos *salvadôres*.

\*

O programa dos *salvadôres* era de uma simplicidade cativante: — Amôr á pátria; guerra á immoralidade, prêmio á virtude e ao mérito; paz e concórdia em tódos os domínios da Catânea lusa; combóios gratuitos; pão barato; a primavera em dezembro, e, além da vida, o paraíso de Mafoma. —

Apóstolos da salvação da pátria, as suas palavras eram repassadas de uncção e amôr do próximo; e, quando êlles passavam, o pôvo curvava-se, e beijava-lhes a fimbria da túnica roçagante.

Decorridos annos nunia expectativa ansiosa, notou o pôvo que a sua subsistnêcia não melhorava, e que tôda a caça dos montes era consumida nas ceias dos *salvadôres*. E disse-lhes :

— Padres conscritos, e grandes senhores! A vós recorre o pôvo, que não tem celleiros nem adegas, ponderando respeitosa-mente que os servos de Vossas Altezas varrem a caça dos nossos montes, levando-nos o talvez último recurso da nossa subsistên-cia. Justiça e piedade, senhores! —

E o príncipe dos *salvadôres*, erguendo-se no supedâneo do cavallo de bronze, erigido á memória de Pombal, perorou ás gentes :

—Povo meu dilecto. A tua virtude é grande, e a tua confiança é justa. Não cáias todavia em tentação, e fuge dos maus pensamentos. A caça desaparece dos teus montes, porque tôda ella é indispensável para o cumprimento da missão que a providência nos deferiu. Afanados no rejuvenescimento da pátria, verificámos que êsse desiderátum só pôde obtêr-se pelo elixir Brown-Sequard; e êste elixir, na quantidade necessária, nunca poderia alcançar-se, se nas retortas do nosso laboratório não entrasse a caça montesinha, nomeadamente os coelhos. Por isso...

—Basta! conclamou o povo! Deus ajude os salvadôres.—

E os *salvadôres* devoraram tranquillamente tôdos os coelhos. Em cumprimento do seu programa, premiaram bizarramente a virtude que o povo lhes attribuía; viajaram de facto em combóios gratuitos; e não lhes escapou sequer a primavera em dezembro, porque a foram gozar na África central, depois de extinta a caça e estere-

lizadas as veigas nas regiões adjacentes ao Tejo. Propuseram-se salvar o Dahomé e o Tomboctu, monopolizaram o marfim, as amazonas, e a cachaça, e exterminaram-se reciprocamente, na partilha do continente negro.

O povo portugualense, êsse ficára a pão e laranja, mas pão caríssimo, e laranja detestável.

Depois... Já te contei o resto.

\*

Mudando de assunto, quero communicar-te ainda alguns episódios interessantissimos das lendas portugualenses.

E digo *lendas*, porque nos parecem realmente fantásticas muitas destas crónicas de Reliquiano, mas tudo leva a crêr que os ingênuos cronistas não falsearem a verdade histórica.

Prepara-te para assombros, e vai lendo.  
Houve nos fins do século XIX..... ..

.....  
.....



\*

.....  
.....  
.....  
..... E aceita as sauda-  
ções cordeais do teu velho amigo,

**TERRAMARIQUE**



## Nota do editôr

Como advertido ficou em outro lugar, a presente edição não reproduz integralmente tôdas as cartas de Terramarique ácêrca de Lisboa.

Omitti, por agora, cartas interessantíssimas, e episódios originaes, em que a penna do sábio australiano sarja a fundo a carne esverdeada de umas gangrenas repugnantes. Chêga a parecêr-me cruel, o sábio; e eu, sem razões nem ânimo para contestar-lhe a filosofia, sinto por um lado o devêr de poupar amigos que não escapam ao penetrante estilete do futuro investigadôr; e por outro a necessidade de poupar as pantorrihas próprias á investida dos lobos cervais, que a luz da história fôra acordar nos fojos escuros, donde assaltam, pela calada da noite o viandante inoffensivo e o lavradôr indefeso.

Asseguram-me, além de tudo, que ainda há fariseus em terra de cristãos; e eu não desejo nem merêço a distinção com que trataram Jesus, crucificando-o entre ladrões.

Reservo pois para os meus herdeiros,— já que mais lhes não deixo,—a *edição definitiva* das cartas de Terramarique, se circunstâncias ponderosas me não levarem, antes d'isso, a corrêr o perigo da crucifixação, atirando á publicidade, integralmente, sem reservas nem reticências, as *Digressões* de Terramarique nas terras do extremo occidente.

\*

Devia esta explicação ao benevolente leitor, que certamente notou interrupções e lacunas nesta *edição provisória*.

E outrosim me apraz declarar que, embora as minhas palavras não correspondam sempre com grande nitidêz ao volapuque espiritoso e cáustico do sábio australiano,

reflectem, quanto possível, as ideias e os conceitos de Terramarique.

Agradecendo ao sr. Angelo Das, que se diz doutôr e conde, o havêr-me facilitado tão instructivas e surprehendentes revelações, faço votos para que ellas não sejam lição perdida, perante a consciência nacional e o amor pátrio dos meus concidadãos.

E com isto, meus amigos, não mais os enfadarei, até... á *edição definitiva*.

*C. de F.*



## INDICE

	Pag.
<b>Prefácio</b> : — <i>Hipnotismo.</i> — <i>Ruínas da Europa.</i> — <i>O omnipotente russo Ivan LIV.</i> — <i>A civilização na Austrália.</i> — <i>A «Biblioteca Universal» de Sidnei.</i> — <i>A prodigiosa obra de um sábio futuro.</i> — <i>Da Austrália ao Tejo.</i> .....	7
<b>Carta I.</b> — <i>Os ermos occidentais.</i> — <i>Um pescadôr de pérolas nas Berlengas.</i> — <i>Um çenobita nos Açores.</i> — <i>Recordações de Portugal.</i> — <i>Camões, a decadencia, a morte.</i> .....	23
<b>Carta II.</b> — <i>O Cartaxo.</i> — <i>A emprêsa «Mixordia &amp; C.<sup>a</sup>»</i> — <i>Os contrabandistas.</i> — <i>Bandidos de casa-ca.</i> — <i>Os alçapões da fortuna.</i> — <i>Homens-mulheres, e mulheres-homens.</i> — <i>A bebedeira nacional.</i> — <i>Influencia do vinho na politica.</i> .....	33
<b>Carta III.</b> — <i>A ponte monumental.</i> — <i>Melhoramentos desnacionais.</i> — <i>Ministros budistas.</i> — <i>A lenda da «Pasta».</i> — <i>Epopeia e comédia.</i> .....	41
<b>Carta IV.</b> — <i>A estátua de José Estevam.</i> — <i>Como se fabricavam legisladôres.</i> — <i>O telónio da «Arcada».</i> — <i>Os escaninhos da burocracia.</i> — <i>Cretinos e bongas.</i> — <i>História dos concursos.</i> .....	49
<b>Carta V.</b> — <i>Sá da Bandeira.</i> — <i>Bifes de Moiro.</i> — <i>Os guerreiros: o soldado; o alferes.</i> — <i>Os ideais portugueses.</i> — <i>A reforma, a aposentação, o sindicato, a sorte grande.</i> — <i>O sabre municipal.</i> — <i>Pé de alferes.</i> — <i>O uniforme, sua influencia social.</i> .....	57

	pag
<b>Carta VI.</b> — <i>A escrita portugueza.</i> — <i>Os mestres da decadência.</i> — <i>A critica; a poesia.</i> — <i>Os «Lusíadas».</i> — <i>A arte e a couve gallêga.....</i>	67
<b>Carta VII.</b> — <i>A história.</i> — <i>O romance.</i> — <i>O teatro.</i> — <i>Garrett, e Emilia.....</i>	75
<b>Carta VIII.</b> — <i>A feira da Ladra.</i> — <i>Fac-símile de uma gazêta.</i> — <i>O artigo de «fundo».</i> — <i>O noticiário.</i> — <i>O annuncio.....</i>	83
<b>Carta IX.</b> — <i>O mocho simbólico.</i> — <i>Portugal e a Turquia perante a instrucção.</i> — <i>O professor mendigo.</i> — <i>52 reformas em 47 annos.</i> — <i>Os reformadores.</i> — <i>Baixo universitário.....</i>	91
<b>Carta X.</b> — <i>Feitos de Emilio, o «Brando».</i> — <i>Imperio dos nefelibatas.</i> — <i>O rapé e a salvação da pátria.</i> — <i>A balança da justiça.</i> — <i>Legisladores aos pés de João de Deus.</i> — <i>A sociedade portugueza: espiritistas, filólogos, dentistas e salvadores.</i> — <i>A folha de parra.....</i>	97
<b>Nota do editor.....</b>	117



**Livraria Ferreira—rua Aurea, 134, Lisboa**

**Outras obras do mesmo autor**

- LIÇÕES PRÁTICAS DA LINGUA PORTUGUEZA, 2.<sup>a</sup> edição, enriquecida com centenas de notas e textos justificativos da doutrina do livro.—1891, 1 vol.**
- TOSQUIA DE UM GRAMMÁTICO, resposta a um quidam, a propósito das *Lições práticas*.—1891, 1 broch.**
- O GOLPE DE MISERICORDIA, execução literária de Zé Filólogo Leite de Vasconcellos.—1892, 1 broch.**
- MANUAL DE DIREITOS E DEVÊRES, 2.<sup>a</sup> edição.—1892, 1 vol.**
- HOMENS E LETRAS, galeria de poetas contemporâneos,—1882, 1 vol.**
- A LIBERDADE DE INDÚSTRIA, nas suas relações com a economia politica e com a historia da civilização.—1873, 1 vol.**
- NICTAGINIAS, poesias.—1884, 1 vol.**

- SUMMARIO DA HISTORIA UNIVERSAL, 2.<sup>a</sup> edição,—  
1889, 1 vol.
- MANUAL DE GEOGRAFIA MODERNA,— 1886, 1 vol.
- QUADROS CAMBIANTES, poesias, 2.<sup>a</sup> edição, com  
retrato.—1874, 1 vol.
- HISTORIA DE PORTUGAL, 4.<sup>a</sup> edição.—1890, 1 vol.
- POEMA DA MISERIA, 2.<sup>a</sup> edição, com retrato.—1874,  
1 vol.
- PROSAS MODERNAS, leituras escolares, 2.<sup>a</sup> edição.  
—1889, 1 vol.
- PARIETARIAS, poesias.—1870, 1 vol.
- MANUAL DOS JURADOS,—1884, 1 broch.
- RUDIMENTOS DE DIREITO CIVIL. 3.<sup>a</sup> edição.—1885,  
1 vol.
- MORTE DE YAGINADATTA, episodio do poema épi-  
co, o Ramayana.—1892, 1 broch.
- MANUAL DE GEOGRAFIA ANTIGA.—1888, 1 broch.
- RECAPITULAÇÃO DA HISTORIA DAS LITTERATURAS.—  
1887, 1 broch.
- RUDIMENTOS DE DIREITO PUBLICO, 3.<sup>a</sup> edição.—  
1892, 1 broch.
- TASSO, poema dramático em sete cantos,—1870,  
1 vol.
- PROLOGÓMENOS DA HISTORIA DE PORTUGAL, com  
um mapa da Ibéria, 2.<sup>a</sup> edição.—1886, 1 vol.
- RUDIMENTOS DE DIREITO ADMINISTRATIVO, 2.<sup>a</sup> edi-  
ção.—1889, 1 vol.
- UM ANJO MARTIR, poemeto.—1871, 1 broch.
- INTRODUÇÃO Á SCIENCIA DAS FINANÇAS.—1873,  
1 broch.
- GENERALIZAÇÃO *da historia do direito romano.*—  
1770, 1 broch.

- AS CRIANÇAS, poemeto:—1875, 1 broch.  
PEQUENO DICIONARIO *de latitudes e longitudes*.—  
1887, 1 broch.  
DUAS VIUVAS, comédia representada no Ginásio.  
—1875, 1 broch.  
O CENACULO, revista de literatura contempora-  
nea.—1875, 1 vol.  
ANTHOLOGIA POETICA.—1887, 1 vol.

### Em preparação

- NARRATIVAS, contos e crónicas, 1 vol.  
ALÉM DO ATLANTICO, digressões literárias pêlo  
novo mundo, 1 vol.  
OPALINAS, versos, 1 vol.  
LIÇÕES PRATICAS *da lingua portugêsa*, 2.<sup>a</sup> série,  
1 vol.  
LE DROIT PÉNAL DANS L'INDE, *d'après le code de  
Manou*, 1 vol.  
OS LIVROS DO MEU TEMPO, ensaios de crítica sua-  
ve, 1 vol.  
O CORAÇÃO DE UM BANQUEIRO, romance contem-  
porâneo, 1 vol.





B-5315-1





PREÇO 300 REIS









DP759.F5



3 2108 00979 7088

Repository 2<sup>nd</sup> Level

